



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2011

**Rosana Muniz
de Medeiros**

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA. IMPACTO DE UM PROGRAMA

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação (especialidade em Formação Pessoal e Social), realizada sob a orientação científica do Doutor Manuel Ferreira Rodrigues, Professor Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro e co-orientação do Doutor Luís Paulo Leopoldo Mercado, Professor associado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Dedico este trabalho:

Ao meu pai Geraldo de Jesus Muniz de Medeiros.

A minha mãe Orlandi da Silva Medeiros.

Aos meus filhos Alisson Renato Medeiros de Araújo e

Alexandre Rodrigo Medeiros de Araújo

Aos meus netos Lucas, Beatriz e Isabela.

Epígrafe

Sabemos que não é a educação que modela a sociedade mas, ao contrário, a sociedade é que modela a educação segundo os interesses dos que detêm o poder.

Paulo Freire

o júri

presidente

Prof. Doutor Carlos Alberto Pereira de Meireles Coelho
Professor Associado do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Sara de Jesus Gomes Pereira
Professora Auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho

Prof. Doutor Manuel Fernando Ferreira Rodrigues
Professor Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Luís Paulo Leopoldo Mercado
Professor Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade Federal de Alagoas

agradecimentos

Ao meu professor e orientador Doutor Manuel Ferreira Rodrigues, por ter acreditado em mim e por ter estado sempre presente, mesmo no período em que estive ausente, nossos contatos de orientação mantiveram-se constantes. Não era de ser diferente devido ao seu apoio, disponibilidade e estímulo com que orientou este estudo, com a partilha de saberes, extrema paciência e apoio nas horas necessárias. A ele, o meu muito obrigada.

Ao meu professor Dr. Luís Paulo Leopoldo Mercado, de quem me orgulho de ter tido a oportunidade de receber uma co-orientação. Por todo o apoio, paciência, motivação e amizade que me proporcionou nessa difícil etapa do estudo com partilha e reflexão. A sua paixão e devoção por uma educação melhor e de qualidade tornam-se contagiantes e, acima de tudo, um estímulo em continuar esta caminhada. Por acreditar em mim. Por me mostrar que vale a pena insistirmos naquilo que somos e queremos ser.

Ao coordenador e professor do Mestrado em Ciências da Educação – FPS, Doutor Carlos Meireles Coelho, pela partilha de saberes, dedicação e disponibilidade constante, contribuições essenciais para a realização deste trabalho.

A Doutora Ana Paula Pedro, pela partilha de saberes e estímulo à novos conhecimentos.

Aos Diretores e Vice-Diretores das Escolas Municipais de Ensino Fundamental de Maceió-Al, nomeadamente a Professora Maria Aparecida de L. Canuto – Diretora da Escola de Ensino Fundamental Pompeu Sarmiento no Barro Duro; a Professora Taciana Sandes França – Escola de Ensino Fundamental Floriano Peixoto; o Professor Jorge Bento – Diretor da Escola de Ensino Fundamental Arnon Affonso de Mello e a Professora Tereza Cristina – Vice-Diretora da Escola de Ensino Fundamental Arnon Affonso de Mello, por acreditarem na importância desse estudo, por facilitarem o meu trabalho com o acesso à escola, por envolver as professoras das séries inquiridas nessa tarefa. A eles, o meu muito obrigada.

A Coordenadora do Programa de Pós-Graduação da UFAL, Dra. Laura Cristina Vieira Pizzi, por valorizar o esforço e a responsabilidade de um pesquisador e mesmo sem nenhuma documentação que me abrisse as portas para o acesso ao curso, acolheu-me por um semestre letivo para que eu desenvolvesse estudos na disciplina de Seminário da Dissertação naquela Instituição Federal de Ensino Superior. A ela, os meus sinceros agradecimentos.

A minha família, pelo apoio e incentivo nas horas difíceis, nos momentos de extrema saudades quando a distância ficava insuportável. A força e o estímulo de cada um, fez com que eu chegasse ao final desse trabalho.

A todos colegas de curso, pela partilha, amizade e respeito durante todo o percurso.

palavras-chave

Aprendizagem televisiva, aprendizagem por modelação, desengajamento moral

resumo

Este estudo propõe uma reflexão sobre a aprendizagem de comportamento social das crianças, obtida através de uma programação televisiva, que na atualidade tem sido a mais assistida por um público infantil, alunos do 5º ano do ensino fundamental da rede pública municipal de Maceió, Brasil. Para tal, utilizamos uma programação televisiva com a possibilidade concreta de análise como fato social para compreender o jogo de significações que envolve o telespectador infantil como reflexo de uma aprendizagem de comportamento social obtida por modelação.

keywords

Learning TV, learning by modeling, moral disengagement.

abstract

This study proposes a reflection on the learning of social behavior of children, obtained through a television programming, which nowadays has been the most watched by an audience of children, pupils in the 5th year of elementary school of public health system in Maceió, Brazil. To this end, we used a television programming with the real possibility of social analysis as fact to understand the game of meanings that involves the viewer as a reflection of a child learning social behavior obtained by modeling.

ÍNDICE:

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1. REVISÃO DA LITERATURA ESPECIALIZADA.....	26
1.1. A APRENDIZAGEM SOCIAL COGNITIVA	26
1.2. O JULGAMENTO MORAL NA INFÂNCIA	32
1.3. APRENDIZAGEM POR MODELAÇÃO NA TELEVISÃO	36
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA DO ESTUDO	48
2.1. ANÁLISE GERAL DOS DADOS OBTIDOS.....	54
2.2. TIPOLOGIA DA PESQUISA	55
2.3. SUJEITOS ENVOLVIDOS	60
2.4. CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO DA PESQUISA	61
CAPÍTULO 3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	65
3.1. APRENDIZAGEM POR MODELAÇÃO	71
3.2. DESENGAJAMENTO MORAL.....	76
CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
LISTA DE FIGURAS	93
SIGLAS UTILIZADAS	93

INTRODUÇÃO

O século XV testemunhou a invenção da escrita impressa pelo alemão Johoann Gutenberg e com ela a disseminação do livro impresso como veículo de comunicação.

Os meios de comunicação foram, ao longo dos anos, utilizados como instrumentos para a troca de informação em contatos comerciais, pessoais e como atividade de lazer. Através deles criou-se a imagem de mundo que se tem na atualidade. Graças ao desenvolvimento da tecnologia os meios de comunicação conseguiram surpreendentes avanços.

O século XX foi notável no desenvolvimento das variadas formas de comunicação. Nesse século assiste-se a invenção da telegrafia, seguida pelo telefone, o rádio, as comunicações via cabo e satélite e a comunicação via Internet, oportunizando uma comunicação instantânea, simultânea e interativa com a possibilidade de exibição de som e imagem entre pessoas de qualquer lugar do planeta.

Atualmente, o mundo não sobreviveria sem os recursos desses meios de comunicação e, se sobrevivesse, seria de forma precária. A economia, a indústria, a ciência, a arte e tudo mais, necessita desses meios para funcionar bem.

A televisão, como meio de comunicação de massas mais acessível, desenvolveu uma forma sofisticada de comunicação; assalta-nos pelo aspecto lúdico de apresentação sensorial onde o estímulo emocional, a imagem e o som atraem e prendem a atenção à ela, a tela televisiva passou a ser um “polo-reflexo”. Segundo Lipovetsky (2009, p. 297),

a tela como pólo-reflexo, como referencial primeiro capaz de dar acesso ao mundo, às informações, às imagens. Tela indispensável para quase tudo, tela incontornável. Um dia, talvez, o que não estiver disponível na tela não terá mais interesse nem existência para todo um conjunto de indivíduos: quase tudo se buscará na tela e remeterá a ela. Ser ou não ser: existir na tela ou não existir.

A mensagem de uso que a televisão transmite para a sociedade é uma mensagem de liberdade e facilidades, sua programação ininterrupta está disponível a qualquer hora do dia ou da noite. Para as crianças, essa liberdade é ainda maior. O tempo livre em casa sem a intervenção dos pais, a falta de controle com um comando remoto que fica em suas habilidosas mãos, aumenta sua disposição de buscar a um simples clique o canal que deseja assistir, transitar em um conteúdo de canal aberto tem sido uma possibilidade ilimitada oferecida as crianças.

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

Karl Popper (1991, p. 11) sustenta que,

devido à sua relativa novidade e à inércia das instituições políticas, incapaz de reagir com rapidez, a televisão tornou-se um poder incontrolado, e qualquer poder incontrolado contradiz com os princípios de democracia.

A televisão passou a representar um mundo real a partir daquilo que ela constrói como programação para sua representação. Tudo nela tem um sentido e uma direção que se volta aos seus interesses políticos e econômicos. Nada na televisão pode fugir ao seu controle e poder.

De acordo com Pereira Júnior (2002, p. 133),

a televisão tem um modo próprio de tratar coisas da vida, retratar o cotidiano, enquadrar a realidade em seu terreno e ao sabor dos seus caprichos. A publicidade inverte valores, programas redefinem os limites da privacidade, o jornalismo dança conforme o entretenimento. A vida ganha cores paralelas e outro contorno ao ser embalada para exibição no vídeo.

A televisão alterou sobremaneira a rotina nos lares, e as crianças passaram a desfrutar muito mais a companhia de programações televisivas que participar das informações ou formações de valores referendadas pela família onde os supostos horários de encontros foram substituídos pelo *reality show*, pela programação do jornal nacional, furos jornalísticos, notícias de última hora, telenovelas, espetáculos desportivos/futebolísticos.

E a televisão passou a ser o referencial de comportamento, lazer, formação e informação, o que ela transmite em sua diversificada programação passou a ser adotado como um modelo, e nem a escola nem a família conseguem ser tão eficientes quanto a televisão.

Com essa concepção, Pedrinho A. Guareschi (2004, p. 19) faz saber que,

o crescimento e a abrangência dos Meios de Comunicação e informação estão, claramente, desbancando e relativizando o controle exercido por outras instituições, como a escola, as igrejas, a família etc. A comunicação está forjando os novos professores, os novos sábios, os novos mestres da verdade e da moralidade.

Com isso, a televisão passa a representar um mundo real a partir daquilo que ela constrói como programação para sua representação. Tudo nela tem um sentido e uma direção que são previamente determinados e estabelecidos como padrão para uma representação de transmissão.

Quanto a esse fato, Ferrés (1996, p. 59) defende que “a nossa imagem da realidade é basicamente aquela oferecida pela mídia e principalmente pela televisão.”

A televisão como veículo de comunicação de massa tem proporcionado significativo papel na aprendizagem, modela comportamento, forma hábitos e valores sociais de acordo com seus interesses e objetivos. O perigo desse tipo de comunicação é que ela não está atrelada a nenhum compromisso com a cultura e com o saber.

Para Jean Baudrillard (2007, p. 108),

A comunicação de massa exclui a cultura e o saber. Não se trata de entrarem em acção verdadeiros processos simbólicos ou didácticos, porque seria comprometer a participação colectiva que constitui o sentido de semelhante cerimónia – participação que se efectua *unicamente por meio de uma liturgia e de um código formal de sinais cuidadosamente esvaziados de todo o conteúdo de sentido.*

Mas, não podemos desenvolver uma análise, hoje, sobre os efeitos e o impacto da televisão no comportamento social infantil sem fazer referência à responsabilidade que deve ser imputada como necessária àqueles que transmitem, produzem e são responsáveis pelas emissoras de televisão.

É preciso que os agentes transmissores e divulgadores de mensagens e imagens produzidas para atingir as massas, reflitam sobre a acção e os efeitos que tem cada fala e cada imagem focalizada como ponto central de uma programação ou chamada televisiva.

De acordo com Alain Etchegoyen (1995, p. 123),

um nome pronunciado, um acontecimento calado, uma investigação levada a termo, imagens difusas, *programação desprovida de qualquer carácter moral* e toda uma sociedade é afectada, modificada, transformada. (sublinhados meus)

A simples expectativa em torno do que vai ser ouvido e visualizado através do ecrã de uma televisão já prepara e predispõe o teleespectador a uma aceitação passiva e antecipada à programação anunciada.

Para Etchogoyen (idem, p. 124) “a singularidade excepcional da sua acção reside nesta eficácia atípica: induz não apenas opiniões e imagens, mas também actos.”

Tudo o que for desenvolvido nessa cadeia de transmissão, em termos de apelos publicitários com imagens, serão consumidos pela subjetividade individual do espectador e como desejo de um imaginário alimentado e produzido a partir desses modelos.

No entanto, o que subjaz como latente dessa responsabilidade não assumida em torno daqueles que produzem, apresentam e estão a frente das cadeias televisivas são as exigências econômicas impostas a cada programação, traduzidas em forma de níveis de audiências, atenção aos patrocinadores ou até, as exigências politicamente impostas.

Isso só vem corroborar com a tese de que a televisão, apesar de tentar inculcar uma visão de compromisso com a verdade, respeito deontológico e responsabilidade social, descarta todos esses valores em prol de interesses econômicos, visando acima de tudo, o lucro.

Este estudo, busca esclarecer o seguinte problema: que modelos de comportamentos estão sendo transmitidos nas programações televisivas assistidas por crianças do 5º ano, na periferia da cidade de Maceió na atualidade, que pode interferir de maneira negativa para uma aprendizagem na formação social?

Como hipóteses iniciais desta pesquisa, apontamos as seguintes, baseados em Ferrés (1996, p. 69) quando afirma que: “uma reflexão sobre os mecanismos de percepção sublimar pode servir para compreender a forma como a televisão produz alguns dos seus efeitos de socialização, ou seja, para compreender de que forma ela se transforma em transmissora de ideias e valores”:

- quando qualquer programação televisiva ressalta a agressividade, a violência, e as disputas (até em desenhos infantis), e mesmo apresentando um final em que a justiça prevalece, contribui para a permanência de uma sociedade violenta e agressiva;
- o excesso de publicidade embutida na programação ou nos intervalos dessas, contribui para a manutenção de uma cultura consumista nas crianças;
- o fato de as crianças das escolas da rede pública municipal de ensino de Maceió serem oriundas da periferia da cidade e viverem no seio de famílias desestruturadas, onde as drogas lícitas e ilícitas, as brigas e as disputas entre membros serem uma vivência rotineira, contribui para que personagens televisivos que apresentam-se com superpoderes, riquezas e ganhos fáceis sejam por eles admirados, desejados e copiados como ídolos.

O objetivo geral desse trabalho foi analisar os modelos de comportamentos transmitidos em uma programação televisiva mais assistida por crianças do 5º ano, na atualidade, como capazes de interferir de maneira negativa para uma aprendizagem de comportamento social. Especificamente procuramos analisar se o padrão de comportamento de alguns personagens da programação é capaz de influenciar na formação de valores como modelação de papéis; avaliar os recursos utilizados na programação como apelo para prender a atenção das crianças baseados em personagens, efeitos especiais e por último, analisar a relação personagem e criança no contexto social das mesmas.

Interessa neste estudo compreender como vem sendo formada a aprendizagem de comportamento social e os valores morais transmitidos às crianças a partir do que tem sido visualizado por elas em uma programação televisiva preferida, em horário destinado ao lazer, descanso e ócio.

A esse propósito Sara Pereira (2005, p. 182) revela “na nossa opinião, mais importante do que o número de horas de programação, são os conteúdos dessa programação – não tanto «quanto», mas «ao quê»”.

Para o embasamento teórico desse estudo nos utilizamos dos conceitos básicos da teoria social cognitiva com aporte em Bandura, Gurgel e Polydoro (2008, p. 99) na seguinte constatação:

A teoria social cognitiva baseia-se em uma visão da agência humana, segundo a qual os indivíduos são agentes que podem fazer coisas acontecer com seus atos e se envolvem de forma proativa em seu próprio desenvolvimento.

Quando levamos a teoria para embasar nosso estudo sobre a aprendizagem de comportamento social obtida através da televisão, é porque acreditamos que toda e qualquer programação televisiva trabalha com estímulos a sensibilidade, inculcando crenças e valores que passam a ser internalizados como pessoais, individuais, e que, de certa forma, afetam a maneira de como os indivíduos desenvolvem esses valores morais e passam a se comportar em seu meio social.

No enfoque cognitivo-evolutivo de Kohlberg (1928-1987) e no construtivismo de Jean Piaget (1896-1980) é que o sujeito aparece como agente do processo moral.

Sobre esses teóricos, Biaggio (2002, p. 20) sustenta que “esses autores focalizam não tanto o sentimento de culpa o real comportamento moral, mas o julgamento do certo e do errado, o que a pessoa acha como certo ou errado”.

Numa perspectiva de influência televisiva, esse julgamento moral sobre o certo e o errado também sofrerá alterações, dificilmente será desprovido de influência ou considerado neutro do ponto de vista individual.

O diagnóstico da programação televisiva foi buscado entre crianças do 5º ano porque acreditamos que, na série e faixa etária em que estas encontram-se (entre os 10 aos 12 anos), já são capazes de nos informar sua preferência com mais precisão e também porque concordamos com a concepção de Joan Ferrés (1996, p. 57) sobre a aprendizagem infantil, quando assevera que,

a criança aprende por experimentação, por observação e por imitação. Tudo o que não aprende por experiência direta, aprende por submissão a uma autoridade ou por imitação de modelos atraentes.

A televisão apresenta modelos atraentes, que fascina e encanta pelo colorido, pela visibilidade que oferece e ideário imaginativo que cria.

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

Na faixa etária escolar para este estudo em que situamos nosso sujeito da pesquisa, eles tendem a desenvolver muito mais essa habilidade de imitação por essa já poder ser considerada uma imitação refletida, e a qual é confirmada por Faria (1989, p. 49) ao afirmar.

Dos 7 aos 12 anos, a imitação só intervém em função de necessidades inerentes ao trabalho inteligente e, neste caso, submete-se à própria inteligência-imitação refletida.

No primeiro momento, buscamos de forma quantitativa, o diagnóstico da programação televisiva de maior audiência entre as crianças entrevistadas. Esse método favoreceu o levantamento estatístico e o cruzamento de dados em três escolas da rede municipal de ensino de Maceió-Alagoas-Brasil, escolhida como ponto de partida para os primeiros estudos (diagnóstico de escolha da programação).

O embasamento desse percurso apoia-se em Chizzotti (1998, p. 52), quando declara ser verdade que as pesquisas quantitativas,

prevêem a mensuração de variáveis preestabelecidas, procurando verificar e explicar sua influência sobre outras variáveis, mediante a análise da frequência de incidências e de correlação estatística.

A partir desse primeiro diagnóstico, nos foi apontado como programação mais assistida a novela *Os Mutantes*, transmitida pela Rede Record de Televisão nas três escolas pesquisadas, como a que detém a maior audiência na atualidade entre esse específico público infantil da amostra.

No segundo momento, atuamos com uma análise qualitativa, a partir da programação escolhida como de maior audiências entre as crianças entrevistadas (diagnóstico), analisamos o que está por trás do texto oral, da aparência nas imagens, das ações dos personagens, para intuir em uma avaliação sobre possíveis efeitos de sua influência no comportamento das crianças adquiridos como imitação aos modelos atraentes à ela.

Essa ação foi referendada em Maria Cecília S. Minayo (2008, p. 27) sustentando que,

análise qualitativa não é uma mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria aporta uma contribuição singular e contextualizada do pesquisador.

Entender o tipo de contribuição que a televisão vem oferecendo às nossas crianças na aprendizagem da cultura de valores sociais e morais pelo excessivo tempo em que essas permanecem frente a um aparelho de TV, é o nosso objeto de estudo e é, por certo, uma questão que também inquieta professores, pais e educadores de forma geral e que tem suscitado reflexões entre teóricos como: Ferrés (1996), Bourdieu (1997) Pfromm (2001),

Baudrillard (2001), Freixo (2002), Savater (2006), Popper (2007), Lipovetsky(2009), Innerarity (2009), entre outros, sobre o poder persuasivo desse meio de comunicação social de massa nas crianças e até sobre os adultos.

A relevância do tema escolhido prende-se a um repensar do momento social, objetivando uma análise de valores transmitidos por um tipo específico de mídia — a televisão — em uma programação de audiência infantil na atualidade e como essa influência pode acarretar uma modelação de comportamento no desenvolvimento da aprendizagem social dessas crianças.

Sara Pereira (2005, p. 183) considera ser verdade que a televisão,

possui essa faceta de agente que constrói, enuncia e representa ideias, valores, atitudes, crenças e ideologias num registo que cativa e seduz o público infantil. As mensagens interferem e influenciam o quadro de vida das crianças no seio do qual a televisão assume uma maior importância.

Este estudo teve a aspiração de almejar o aperfeiçoamento tanto de ordem profissional, como social, porque procuramos entender a trajetória de uma aprendizagem obtida como modelação por meio da comunicação em massa através de uma única programação televisiva, num cenário específico brasileiro, e assim, contribuir para o próprio aperfeiçoamento. Pois, sabemos que um trabalho de pesquisa científica permite ao pesquisador conhecer dados sobre a realidade estudada que até então conhecia apenas de forma empírica, tornando-se, portanto, um percurso heurístico, no qual a investigação é determinante durante o processo e, por conseguinte, torna-se a via promotora de momentos reflexivos.

Dividimos esse estudo em três capítulos. No primeiro, desenvolvemos uma revisão da literatura, tanto no que concerne a teóricos que exploram os meios de comunicação e a televisão como tema central, como com teóricos que abordam as diversas formas de aquisição da aprendizagem; o segundo capítulo trata da metodologia aplicada no desenvolvimento do trabalho, o caminho percorrido e as dificuldades encontradas; o terceiro e último capítulo foi destinado a análise e interpretação da programação apontada como a preferida entre as crianças inquirida e por último a nossa conclusão do estudo.

CAPÍTULO 1. REVISÃO DA LITERATURA ESPECIALIZADA

A aprendizagem social ocorre como um processo. Não nascemos prontos, adquirimos e aprendemos a nos comportar de alguma maneira específica porque passamos a adotar regras onde hábitos, atitudes e comportamentos sociais são aceitos, praticados e reforçados em uma determinada sociedade.

A socialização passa a ser a meta para a integração do indivíduo a um meio social.

Para entendermos os pontos centrais da natureza da aprendizagem social é necessário reportar-se ao seu desenvolvimento histórico e psicológico como corrente de pensamento e para elaboração das diversas teorias, no entanto, não iremos aprofundar esse campo mas apresentar apenas retrazos desse percurso.

1.1. A APRENDIZAGEM SOCIAL COGNITIVA

Essa teoria procurou explicações que pudesse ser aplicada no desenvolvimento da personalidade e das relações sociais da criança. A teoria da aprendizagem social surge a princípio como teoria *Estímulo-Resposta (E-R)* inspirada pela psicanálise.

Assim, os comportamentos eram explicados em termos de estímulos e respostas. O estímulo seria determinado a partir de qualquer objeto no ambiente geral ou qualquer mudança ocorrida no organismo devido as condições fisiológicas. As respostas seriam determinadas pelas ações que o indivíduo é capaz de desenvolver a partir dos estímulos recebidos.

Essa teoria também partia da hipótese de que a aprendizagem era sinônimo da formação de hábitos e que esses hábitos seriam adquiridos através da repetição dos estímulos, mediante os reforços positivos ou negativos atribuídos.

O objetivo da teoria era controlar o comportamento, adotava o pressuposto de ser atribuída a aprendizagem as mudanças que são observadas no desenvolvimento individual, e que essas mudanças ocorrem quando se obtêm respostas das crianças em determinadas condições ambientais com as quais não encontraríamos nas mesmas em ambientes diferentes.

De acordo com Alfred Lee Baldwin (1973, p. 408), “a teoria da aprendizagem social, como teoria E-R de modo geral, acentua o papel da aprendizagem no desenvolvimento da personalidade. Não são empregados conceitos exclusivamente de maturação.”

Na concepção vigotskyana, para que ocorra uma aprendizagem social é necessário que haja uma interação do indivíduo com o ambiente social e este aprende o que seu grupo produz; o conhecimento surge primeiro no grupo, para só depois passar a ser interiorizado pelo indivíduo.

Vigotsky (2003, p. 114) defende que,

o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam.

A interação da criança com o mundo adulto, com o conhecimento obtido através das experiências a ela apresentada favorece o seu aprendizado social e conseqüente desenvolvimento.

Porém, a existência de desenvolvimento em diferentes crianças pode ser um fator comprovado e observado de acordo com a semelhança de idade. Essas começam a andar na mesma idade, começam a fazer uso do banheiro na mesma faixa etária, desenvolvem padrões masculinos ou femininos de comportamento também em períodos semelhantes.

Para Baldwin (1973, p. 409), dois fatores provocam semelhanças nos ambientes de diferentes crianças,

o ambiente físico que atua, para todos, de acordo com as mesmas leis: as pedras que caem, machucam todo mundo; [...]; na mesma sociedade, padrões usuais de educação das crianças asseguram que diferentes crianças estarão expostas as mesmas influências quando atingirem aproximadamente a mesma idade.

Um fato interessante nesse tipo de aprendizagem de comportamento é que a socialização vai exigir uma mudança nesses padrões comportamentais na passagem da infância para a vida adulta, onde padrões de comportamentos aceitos anteriormente na infância, não podem ser aceitos ou justificados na fase adulta.

Essa fase de transição é denominada de período de socialização. Segundo Baldwin (1973, p.410), “a socialização pode ser gradual ou abrupta, dura ou delicada, e pode incluir castigo do padrão infantil, prêmio para o padrão adulto, ou as duas coisas”.

De acordo com Pajares e Olaz (2008, p. 97) Bandura e Walters avançam nesse sentido e ampliam a visão da aprendizagem social com a aprendizagem observacional e o reforço vicário. Essa visão contrapõe a mudança da visão psicanalítica, como identificação, ou behaviorista do reforço direto e passam a dar maior realce ao papel crítico que os modelos sociais desempenham no funcionamento humano.

Após a mudança de rótulo de sua teoria, de aprendizagem social para aprendizagem social cognitiva, Bandura passa a dar uma ênfase maior ao papel poderoso que a cognição desempenha na capacidade dos indivíduos em construir a realidade, auto-regularem-se e a codificar as informações para a execução dos comportamentos.

Com essa perspectiva, Bandura concebe que os indivíduos são auto-organizados, proativos, auto reflexivos e auto regulados. Esse pensamento contrapõe-se ao pensamento

anterior de que os indivíduos eram moldados e orientados por forças ambientais ou simplesmente movidos por encobertos e interiores impulsos.

Bandura et al (*idem*, p. 98) sustentam que.

O pensamento humano e a ação humana são considerados produtos de uma inter-relação dinâmica entre influências pessoais, comportamentais e ambientais. A maneira como as pessoas interpretam os resultados de seu próprio comportamento informa e altera os seus ambientes e os fatores que possuem, os quais, por sua vez, informam e alteram o comportamento futuro.

Para a teoria social cognitiva os fatores pessoais, ambientais ou comportamentais são determinantes para o funcionamento humano e as estratégias usadas para aumentar o bem estar poderão ser usadas para aperfeiçoamento dos processos emocionais, cognitivos ou de motivação, que funcionam como base de sustentação dos fatores pessoais do indivíduo.

Usando a teoria social cognitiva como referência, é possível alcançar uma melhora nos estados emocionais do indivíduo e conseqüentemente corrigir velhos hábitos de pensamentos negativos que funcionam como (fatores pessoais).

Essa postura pode ser confirmada quando Pajares e Olaz (2008, p. 99) dão por certo que,

para prever como o comportamento humano é influenciado por fatores ambientais, é crítico compreender como o indivíduo processa e interpreta esses fatores cognitivamente.

Para a referida teoria, um fator fundamental é que as auto crenças individuais em forma de pensamentos, crenças e ações passam a exercer uma forte influência na maneira de agir e de comportar-se individualmente.

Porém, observando que a vida humana não é vivida em isolamento, mas na coletividade, fez com que Bandura expandisse a sua concepção de agência humana para agência coletiva, uma vez que os indivíduos se agrupam em atividades profissionais ou outras com base em crenças e aspirações que compartilham de forma comum.

Com essa visão, a teoria social cognitiva de Bandura abre um espaço de reflexão. A qual, Pajares e Olaz (*idem*, p. 100) asseveram que,

fatores como condições econômicas, status socioeconômicos e estruturas educacionais e familiares não afetam o comportamento humano diretamente. Esses fatores afetam o comportamento na medida que influenciam as aspirações, auto percepções, padrões pessoais, estados emocionais, atitudes e outras influências auto-regulatórias das pessoas.

Nessa concepção, o que está implícito é que não são apenas os fatores socioeconômicos, familiares e educacionais que influenciam essa aprendizagem social, mas todo um conjunto de predisposição individual e aspirações pessoais.

Aprendemos por meio de processos cognitivos e temos poder de discernimento.

Para Bandura, os seres humanos criam símbolos, como veículos do pensamento para representar ou antecipar significado para suas vidas ou para orientar futuros comportamentos.

Pajares e Olaz (2008, p. 100-101) defendem que.

As pessoas não aprendem apenas com a sua experiência, mas também observando os comportamentos de outras pessoas. Essa aprendizagem vicária permite que os indivíduos aprendam um novo comportamento sem passar pelo processo de tentativa e erro necessário para executá-lo.

Nesse processo de aprendizagem, a experiência favorável servirá de exemplo para uma nova experiência, o contrário também servirá de indício para uma recusa de tentativa ou de um fazer diferente, aprender com o erro do outro como forma de proteger-se de erros e enganos fatais. Pajares e Plaz (2008, p. 101) citam três formas de governar a aprendizagem observacional:

1. a atenção refere-se à capacidade do indivíduo de observar as ações de um modelo seletivamente.
2. a produção refere-se ao processo de realizar o comportamento observado.
3. se a realização do comportamento observado produzir os resultados desejados, o indivíduo se sente motivado para adotar o comportamento e repeti-lo no futuro.

Para Bandura, um aspecto proeminente na sua teoria social cognitiva é que através da auto-reflexão, as pessoas tiram sentido de suas experiências e obtém experiências pessoais, avaliam o seu pensamento e conduzem o seu comportamento de acordo com suas crenças.

O que destaca-se como fundamental na teoria social cognitiva para o funcionamento humano são as crenças de “auto-eficácia” – essas crenças nada mais são que os julgamentos individuais para organizar e executar ações e alcançar certos objetivos.

Costa (2003, p. 42) corrobora com essa reflexão quando destaca que essas crenças no indivíduo são próprias da “capacidade de organizar e executar ações exigidas para manejar uma ampla gama de situações desafiadoras, inclusive aquelas perespectivas de maneira eficaz, ou seja, conseguindo alcançar os objetivos propostos”.

Já na concepção de Pajares e Olaz (2008, p. 100),

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

essas crenças de competência pessoal proporcionam a base para a motivação humana, o bem-estar e as realizações pessoais. Isso porque, a menos que acreditem que suas ações possam produzir os resultados que desejam, as pessoas terão pouco incentivo para agir ou perseverar frente a dificuldades.

As crenças de auto-eficácia passam a representar um fator motivador na vida pessoal.

Sucesso e fracassos influenciam as decisões individuais, porém, é a interpretação da qualidade do conhecimento que se adquiriu na jornada empreendida que irá apontar as pistas para fazer-se julgamentos sobre a qualidade de conhecimentos e habilidades adquiridas nessa jornada, onde, nem sempre, esse conhecimento condiz com uma verdadeira realidade.

Na teoria social cognitiva de Bandura, as crenças de auto-eficácia são criadas a partir de quatro fontes principais de interpretações individuais.

Essas crenças são apresentadas por Pajares e Olaz (2008, p. 104) como sendo:

- *experiência de domínio* – é a mais influente e ocorre quando o indivíduo realiza tarefa e avalia o resultado para desenvolver crenças de acordo com o desempenho alcançado;
- *experiência vicária* – quando o indivíduo forma sua crença de auto-eficácia a partir da observação dos outros. Para Bandura “a experiência vicária é particularmente poderosa quando observadores enxergam semelhanças em alguns atributos e acreditam que o desempenho do modelo é diagnóstico de sua própria capacidade.”

Esse tipo de experiência vicária, tanto pode favorecer para uma influência positiva e o indivíduo considerar os atributos do modelo, como muito semelhantes aos seus e imitá-lo, ou, sentir-se inspirado a buscar o sentido e o rumo que deve tomar na vida com base no modelo, como também, pode incutir que seus atributos são inferiores e a sua experiência vicária tornar-se reduzida.

Segundo Pajares e Olaz (2008, p. 105),

as pessoas procuram modelos que possuam as qualidades que admiram e capacidades às quais aspiram. Um modelo importante na vida do indivíduo pode ajudar a incutir crenças pessoais que influenciarão o rumo e o sentido que a vida deve tomar.

- *persuasões sociais* – as persuasões sociais são crenças incutidas através de outras pessoas em suas capacidades, esse fator vai favorecer e encorajar o desejo de alcançar o sucesso.

Para esse tipo de crença, quem vai desempenhar o papel fundamental na vida do indivíduo são os persuasores, não porque fazem elogios vazios e sem fundamentos, mas porque cultivam nos indivíduos crenças em seu potencial e capacidade.

- *estados somáticos e emocionais* – onde as pessoas avaliam o seu grau de confiança e sua crença de auto-eficácia de acordo com o seu estado fisiológico e emocional.

Nesse tipo de crença, medos, receios, stresse e ansiedade são fatores que proporcionam informações negativas sobre a crença de auto-eficácia no indivíduo como reações emocionais indicadoras de fracassos. Bandura Pajares e Olaz (2008, p. 105) defendem que,

quando as pessoas têm pensamentos negativos e temores sobre suas capacidades, as reações afetivas podem reduzir as percepções de auto-eficácia e desencadear mais stresse e agitação, que ajudam a causar o desempenho inadequado e temido.

Essas crenças de auto-eficácia servirão como contributo individual para o (re)conhecimento da auto-imagem. Segundo Musquera e Stobäus (2006, p. 84),

a auto-imagem [...] é mais o (re)conhecimento que fazemos de nós mesmos, como sentimos nossas potencialidades, sentimentos, atitudes e ideias, a imagem o mais realista possível, enfim, que fazemos de nós mesmos.

Somente com a ajuda de mecanismos que promovam um bem-estar emocional é que o indivíduo poderá superar a ansiedade e reduzir o estado emocional negativo. O que poderá favorecer uma promoção desse bem-estar emocional será, portanto, o desenvolvimento equilibrado no indivíduo na sua auto-estima.

Sobre a auto-estima, Mosquera e Stobäus (2006, p. 84) sustentam que,

todo ser humano tem necessidade de valorização positiva, ou auto-estima positiva, no sentido de mais real, e esta é apreendida mediante a interiorização, ou introjeção das experiências de valorização realizadas pelos outros para ela.

Uma questão importante que deve ser considerada, é que, nem sempre, esse juízo de valor corresponde de fato com a realidade.

1.2. O JULGAMENTO MORAL NA INFÂNCIA

Segundo Piaget (1994, p. 23), “os jogos infantis constituem admiráveis instituições sociais”. Para esse autor, toda moral tem por base um sistema de regras, e o fundamental nessa moralidade é o respeito que o indivíduo adquire por essas regras.

Os jogos e as brincadeiras infantis são, portanto, práticas e atividades socializadoras para uma aprendizagem dessas regras na infância. Piaget (1994 p. 92) sustenta,

que a criança começa por considerar as regras não só como obrigatórias, mas ainda como intangíveis e devendo ser conservadas literalmente [...]. Essa atitude resulta da coação exercida pelos mais velhos sobre os menores e da pressão devida aos próprios adultos, sendo dessa forma, as regras do jogo assimiladas a deveres propriamente ditos.

Para Piaget (1994), as regras morais passam a ser assimiladas e adotadas pelas crianças a princípio como coação moral, que por sua vez representa uma coação intelectual e essa passa a ser adotada através da atitude de respeito da linguagem ou das realidades intelectuais imposta pelo adulto.

Segundo este epistemólogo, as três principais características desse realismo moral na criança são:

- o dever *heterônimo*, onde o ato passa a ser considerado bom quando obedece a uma regra ou a algum adulto, o que prevalece nessa situação é a obediência;
- o realismo moral é *ao pé da letra* – a moral insiste sobre o espírito das regras e não sobre o conteúdo material dessas regras, tendência para a racionalidade;
- responsabilidade – a criança concebe as regras ao pé da letra, avalia seus atos em função da intenção em conformidade com as regras estabelecidas.

Com essas características surge uma responsabilidade objetiva que Piaget (1994) denomina como uma das mais nítidas manifestação do juízo moral da criança.

Mas, para entender como o julgamento moral começa a fazer parte da vida de um ser humano e acaba se transformando em hábitos sociais ou socialização a partir da infância, recorreremos aos estudos de Biaggio em *Lawrence Kohlberg: ética e educação moral (2002)*.

Nos teóricos behavioristas, entre eles Bandura, a consciência ou moralidade equiparava-se ao fenômeno de resistência à extinção; ou seja, a punição repetida por um comportamento inaceitável era necessária até que esse comportamento desaparecesse sem que fosse mais preciso uma punição.

De forma contrária, os comportamentos desejáveis seriam reforçados de maneira positiva até que os mesmos pudessem se manter sem necessidade desse reforço.

De acordo com Biaggio (2002, p. 20),

é com o construtivismo de Jean Piaget e com o enfoque cognitivo-evolutivo de Kohlberg que aparece o papel do sujeito humano como agente do processo moral.

Esses autores ressaltam que não é o sentimento de culpa ou o real comportamento moral que atua como foco na questão, mas sim o que a pessoa julga e considera como certo ou errado.

A teoria kohlberguiana tem origem nos trabalhos desenvolvidos por Piaget sobre o processo de desenvolvimento cognitivo da evolução do pensamento na perspectiva construtivista e de interação entre estruturas cognitivas, biologicamente determinadas e os estímulos proporcionados pelo ambiente.

Nos trabalhos de Piaget, o que se tornou mais conhecido e divulgado foi a identificação de estágios universais do desenvolvimento e evolução do pensamento com uma delimitação dos quatro estágios do desenvolvimento, da inteligência os quais David Elkind (1982, p. 38-40) em uma tradução do livro *Crianças e Adolescentes: Ensaio interpretativos sobre Jean Piaget* assim os apresentam:

- *Estágio sensório-motor*, ocorre nos dois primeiros anos de vida; esse período “compreende a evolução das capacidades necessárias para construir e reconstruir objetos”. Nesse estágio, a inteligência é prática; temporalidade e espaço são representados pela ação. Não há representação ou pensamento.
- *Estágio pré-operacional*, ocorre aproximadamente dos 2 aos 6 anos. Para Piaget esse estágio “compreende a elaboração da função simbólica, ou capacidades relacionadas com a apresentação das coisas”. Nesse estágio já existe uma interiorização das ações construídas no estágio anterior e a criança busca explicações para tudo, faz uso constante dos (por quê?), é centrada em si mesma.
- *Estágio operacional concreto*, dos 7 aos 11 anos. Nesse estágio a criança adquire o que Piaget chama de operações concretas, ou ações interiorizadas que lhe permitem fazer “dentro da cabeça” o que antes teria de concretizar através de ações reais. Nessa fase, a criança ainda depende do mundo concreto para conseguir entender a abstração, já consegue desenvolver o sentido de reversibilidade representando uma ação no sentido oposto, começa a compreender noções de espaço, tempo, velocidade e ordem.
- *Estágio de operações formais*, dos 12 aos 15 anos. Nesse estágio “surge gradualmente o que Piaget chama de operações formais, que permitem ao

adolescente pensar sobre seus pensamentos, construir ideias e raciocinar realisticamente sobre o futuro”. Já se consolida a interpretação lógica das coisas, a abstração também atinge um ponto de equilíbrio satisfatório, as soluções são buscadas através de hipóteses, as estruturas cognitivas alcançam o nível mais elevado do desenvolvimento.

Na mesma obra, Biaggio (2002) faz referência de que Kohlberg toma por base as ideias de Piaget para lançar a sua teoria do desenvolvimento moral.

Essa questão fica clara, quando Kohlberg também assume uma postura de universalidade em que todas as pessoas em qualquer cultura passam por uma sequência de estágios, numa mesma ordem, mas, nem todas conseguem atingir os estágios mais elevados desse desenvolvimento moral.

Kohlberg, assim como Piaget, também delimita a sua teoria em estágios em número de 6, e os divide em 3 níveis.

Esses estágios são apresentados por Biaggio (2002, p. 23) como:

o pré-convencional (estágio 1 e 2) é característico da maioria das crianças com menos de 9 anos, o convencional (estágio 3 e 4) é característico da maioria dos adolescentes e adultos da sociedade norte americana, e o convencional (estágio 5 e 6) é alcançado por uma minoria de adultos (em torno de 5%) geralmente depois dos 20 a 25 anos.

Segundo Biaggio (2002), para Kohlberg, a moralidade ou a aceitação dos princípios morais ocorre a partir do momento em que a criança começa a construir ativamente seu senso moral em relação ao mundo, quando experimenta certas estruturas invariantes e progressivas de moralidade.

Na concepção do sociólogo francês Émile Durkheim, também encontramos um posicionamento sobre a moralidade. Para Durkheim (1984, p. 131),

o principal elemento da moralidade é o espírito de disciplina. Mas, atendemos bem o sentido desta proposição. Geralmente, a disciplina somente se nos afigura útil porque requer certos actos considerados úteis.

Também encontramos em Piaget (1994, p. 93) a seguinte afirmação:

chamaremos de realismo moral a tendência da criança em considerar os deveres e os valores a eles relacionados como subsistentes em si, independentemente da consciência e se impondo obrigatoriamente, quaisquer que sejam as circunstâncias às quais o indivíduo está preso.

No estágio pré-convencional 1, a moralidade é orientada em termos de punição e obediência e, segundo Biaggio (2002, p. 24), “se a ação é punida, está moralmente errada: se não é punida, está moralmente correta”. Nesse estágio, a ordem social não é definida em termos de igualdade e reciprocidade, mas em termos de *status* e posse. Ainda em Durkheim (1984, p. 130), identificamos que “a moral não é pois, simplesmente, um sistema de hábitos; é simplesmente um sistema de mandamentos”.

Já no nível 2 do estágio pré-convencional o prazer e a satisfação pessoal (hedonismo) são os sinalizadores da ação moralmente correta. A moral nesse estágio passa a ser relativizada e conseqüentemente o ato moral passa a ser subjugado à satisfação individual.

No estágio convencional nível 3 a concepção de certo ou errado vai depender da aprovação dos outros e as condutas morais são orientadas a partir do que é valorizado pelo grupo.

De acordo com Biaggio (2002, p. 25) “o comportamento moral certo é o que leva a aprovação dos outros. Trata-se da moralidade do conformismo”. As regras passam a ser compreendidas apesar de a visão ainda ser egocêntrica, já se concebe nesse estágio uma visão de que é justo dar mais aos que mais necessitam.

No nível 4 do mesmo estágio, a concepção moral passa a ser marcada pela orientação a lei e a ordem social estabelecida, respeito pela autoridade e por regras, Biaggio (*idem*, p. 26) justifica que “a justiça não é mais uma questão de relações entre indivíduos, mas entre o indivíduo e o sistema”.

Nesse estágio a concepção preponderante é de que a lei serve sempre de parâmetro, em qualquer circunstância para manter a ordem social.

Por último, no estágio pós-convencional nível 5, a questão da justiça não se encontra adstrita as leis, o indivíduo já desponta um nível de consciência para transformação da realidade. Segundo Biaggio (*idem*, p. 27). “As leis não são mais consideradas válidas pelo mero fato de serem leis. O indivíduo admite que as leis ou costumes morais podem ser injustos e devem ser mudados”.

Nesse nível, o indivíduo já passa a perceber a necessidade de haver alguma regulamentação para os excessos cometidos de maneira legal em busca de lucros e vantagens em algumas atividades.

O nível 6 pode ser considerado como o ápice do desenvolvimento moral universal da consciência individual. Segundo Biaggio (2002, p. 27), “se as leis injustas não puderem ser modificadas pelos canais democráticos legais, o indivíduo ainda assim resiste às leis injustas”.

Essa é moralidade da desobediência civil, da não conformação com o poder da autoridade pois considerada como parâmetro a efetividade dos princípios universais, ainda que isto implique em violar a lei e, mesmo, os procedimentos democráticos.

Para ilustrar o pensamento nesse estágio, Biaggio menciona alguns exemplos citados anteriormente por Kohlberg para demonstrar a desobediência civil, dos mártires e revolucionários pacifistas: Jesus Cristo, Gandhi, Martin Luther King.

1.3. APRENDIZAGEM POR MODELAÇÃO NA TELEVISÃO

Atualmente, as crianças conseguem obter, através da comunicação televisiva, uma gama de informações sobre o mundo de forma prazerosa, o que antes seria um sacrifício, horas de leituras, pesquisas em mapas geográficos ou dicionários, foi substituído por visualizações compactas de imagens e sons que transportam nossas crianças a longínquos lugares do planeta, sem que elas precisem virar sequer uma página de um livro.

Isso nos dá a sensação de que o conhecimento ficou acessível a todos, pois a televisão tem sido considerada como um meio de comunicação de massa mais utilizado em escala planetária.

Esse fato torna um outro fato intrigante, saber que a comunicação televisiva está sempre a serviço de um poder que ideologicamente serve a classe dominante, portanto, a comunicação, mesmo a que se designa como sendo informativa, obedece a uma ordem de poder com interesse em formar a opinião pública para um consenso dirigido.

Nesse aspecto, Pedrinho A. Guareschi (2004, p. 14) contribui quando nos diz que,

não seria exagero dizer que a comunicação constrói a realidade. Num mundo todo permeado de comunicação – um mundo de sinais – num mundo todo tele-informatizado, a única realidade passa a ser a representação da realidade – um mundo simbólico, imaterial.

Essa realidade, obtida como aprendizagem através dos meios de comunicação, tendo a televisão como sua principal porta-voz, é uma aprendizagem que precisa ser mediada, discutida, questionada. Sara Pereira (2000, p. 27) sustenta que,

vivemos, pois, numa sociedade em que os media desempenham um papel fundamental na vida social, política e cultural, e uma importância significativa na vida quotidiana dos cidadãos em geral, e das crianças em particular.

Essa questão suscita o que já se tornou consensual nos debates sobre os meios de comunicação e a sua influência em nossa sociedade. A necessidade de educar para os meios de comunicação.

Entretanto, nem sempre esse exercício é praticado. A sociedade vem aceitando todas as informações transmitidas pela televisão como verdades absolutas, todo o artifício desenvolvido por este meio de comunicação faz com que a sua credibilidade seja referendada.

Nessa questão, Innerarity (2009, p. 50) declara ser verdade que,

a nossa cultura não dá a impressão de se caracterizar pela intransparência, mas sim pela exaltação da imagem visual [...]. Rendemo-nos ao visível e é com dificuldade que conseguimos libertar-nos do poder das imagens, quer das fascinantes, quer das terríveis. A sociedade que tem sido gerada em redor da televisão está habituada a não acreditar senão no que vê e a acreditar em tudo o que vê.

Entendendo a televisão como parte integrante dessa cultura de (in) visibilidade onde as suas representações de imagens apenas simulam uma realidade, sem nenhum interesse de fielmente retratá-las, é que passamos a compreender a dimensão de que a televisão nos molda a partir da programação que ela imprime como cultura e isso tem muito a ver com o olhar daqueles que produzem a programação televisiva e como a sociedade adota a cultura e os valores transmitidos nessa variedade de programação.

Toda e qualquer programação televisiva já embute um objetivo definido e tem um alvo certo e nem sempre declarado.

Para Freire (1996, p. 139),

pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação, processo impossível de ser neutro. Na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sútil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido.

A partir dessa afirmação, podemos concluir, que, a aprendizagem da cultura infantil obtida através da televisão, não sendo uma aprendizagem de cunho pedagógico, será uma aprendizagem adquirida por meio de imitação a modelos exibidos nos filmes, telenovelas, apelos publicitários, documentários tendenciosos, telejornais.

Savater (2006, p. 56) corrobora nessa questão quando diz que,

não há nada tão educativamente subversivo como um televisor; longe de mergulhar as crianças na ignorância, como acreditam os ingênuos, fá-las aprender tudo desde o início, sem qualquer respeito pelos trâmites pedagógicos...

A televisão usada como meio de comunicação não adota uma interação direta entre telespectador e a sua programação, também não age com um sistema de troca, o processo de ligação entre televisão e telespectador é um processo de mão única, os modelos que ela apresenta é para ser absorvido submissa e passivamente.

Lipovetsky e Serroy (2010, p. 94) defendem que,

a televisão é a janela aberta ao mundo que, longe da oralidade primitiva e da cultura escrita, o enquadra e o molda em conformidade com o ângulo de visão radicalmente inédito, ao mesmo tempo sedutor e uniformizador, que dele oferece.

A aprendizagem desses modelos será facilmente absorvida pelas crianças como modelo socialmente aceitos de comportamentos. Na criança, todo esse processo adquire uma conotação mais ampla, até porque nessa fase, devido a uma característica própria da imaturidade infantil, essas não estabelecem diferenças entre aquilo que é ficção e realidade.

Sara Pereira (2004, p. 32) torna clara essa questão, quando sustenta,

por um lado, pelo seu desejo em aprender, este público infantil está particularmente aberto à influência do meio, de que a TV faz parte, que lhes oferece informações interessantes sobre o mundo físico e social e seus valores.

Uma coisa é certa. A partir dos anos 60, quando a televisão despontou como um fenômeno novo e como “meio de comunicação de massa”, ela conseguiu transformar por meio de suas funções formativas e informativas tanto o conjunto das produções culturais como quanto aqueles que a produziam.

Segundo Bourdieu (1997, p. 51-52), “hoje a televisão levou ao extremo, ao seu limite, uma contradição que obseda todos os universos de produção cultural”.

Com essa postura, Bourdieu (1997) se insere nas contradições econômicas e sociais existentes para esse tipo de produção cultural, sabendo que cada uma dessas produções sofrem pressões comerciais, por não conseguir assumir autonomia nem uma identidade por parte de quem a produz, até porque essa produção terá um vínculo comercial ligado ao interesse do produtor.

Para Bourdieu (*idem*, p. 52),

a televisão leva ao extremo essa contradição na medida em que sofre mais que todos os outros universos de produção cultural a pressão do comércio, por intermédio do índice de audiência.

É justamente essa audiência que vai estabelecer a diretriz de uma programação e nenhuma informação nesse campo será desprovida de interesses tendenciosos nem está livre de uma cotação econômica para sua transmissão. E esse é o campo aberto às informações e programações ofertadas pela televisão, um campo de produções simbólicas.

Segundo Bourdieu (1998, p. 12),

o campo de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nessa medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção.

O ideal da comunicação para promover a cultura, melhorar o conhecimento formar e educar está longe de ser atingido por intermédio desse meio de comunicação de massa.

Sara Pereira (2000, p. 28) contribui nesta questão quando afirma.

É hoje consensual o princípio de que a informação e a comunicação são elementos centrais nas sociedades. Mas é importante termos presente as formas diferenciadas e assimétricas de acesso dos cidadãos à informação e à comunicação, não só a nível económico, mas também a nível social, cultural e educacional.

O que ainda torna-se mais grave nessa questão é que as nossas instituições educacionais não se aparelharam dos mecanismos necessários para um eficiente trabalho de conscientização quanto à nefasta ação dos meios de comunicação de massa.

Nesse aspecto, McLuhan (2007, p. 221) declara,

idealmente, a educação é uma defesa civil contra as cinzas radioativas dos meios de comunicação de massa. Mas até hoje o homem ocidental não se educou nem se equipou para enfrentar os meios com as suas próprias armas.

Nas programações destinadas ao público infantil, também não encontramos diferença; essa já vem carregada de apelos publicitários, de uma carga excessiva de erotismo, de violência banalizada, e as vezes, até disfarçada por um sentido de justiça.

Nem precisamos buscar indistamente por indícios dessas ações nos diferentes programas exibidos pela televisão. Basta analisar o que está por trás de uma programação destinada ao entretenimento do público infantil.

De acordo com Manuel Ferreira Rodrigues (2009, p. 69) os programas destinados ao público infantil “ é um não mais acabar de desenhos animados industriais, onde cenas de violência física, os assaltos, o sangue, a morte e a crueldade são servidas em doses brutais por meio de poderosos e sedutores recursos tecnológicos”.

O conteúdo ou a mensagem que o programa procura apresentar não assume uma conotação de educação e formação como prioridade social, o que passa como prioritário são as ações que estimulam apenas uma agressividade gratuita além do consumismo infantil estimulado pelas excessivas e bem elaboradas publicidades comerciais embutidas na programação e explicitada nos intervalos das mesmas.

Buckingham (2007, p. 131) corrobora nessa questão.

Mas os programas de TV não são apenas programas de TV: eles são também filmes, discos, histórias em quadrinhos, jogos de computadores e brinquedos – sem falar em camisetas, posters, lancheiras, bebidas, álbuns de figurinhas, comidas e uma miríade de outros produtos.

Somando-se a incapacidade da resistência infantil aos excessivos e bem elaborados apelos publicitários, o efeito esperado nesse numeroso público infantil só pode ser satisfatório para quem patrocina e para quem transmite a programação.

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

Segundo um estudo elaborado pela Alana, organização sem fins lucrativos, criada em 1994, que entre outras atribuições, tem também a incumbência de desenvolver atividades em prol da defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes relacionadas ao consumo em geral.

Em uma pesquisa desenvolvida por essa organização apenas no dia 1º de Outubro de 2010, das 8h às 18h, em cinco canais infantis fechados, foram veiculados 1007 comerciais, o que gera em média cerca de 107 comerciais por hora¹.

De acordo com Pfromm (2001), em países como França, Japão, Grã-Bretanha, entre outros, a programação destinada ao público infantil é o que de melhor se produz em termos de programação televisiva. Nesses países, persiste o cuidado e a atenção a esse público, porque se acredita na influência da televisão sobre os mesmos.

Infelizmente, essa situação não é uma realidade brasileira (nem de muitos outros países) mas o referido autor (2001, p. 155), afirma que, no Brasil, a seleção de programação televisiva destinada ao público infantil é,

uma simples seleção, sem critério, de desenhos animados, vindos todos de fora, pois praticamente não existe no Brasil uma produção contínua e em grande escala de desenhos, suficiente para alimentar a programação diária das emissoras de televisão.

Junta-se a essa questão, uma outra, a falta de uma equipe de psicopedagogos, psicólogos para elaborar uma programação de qualidade destinada a esse público infantil e o interesse em produzir uma programação capaz de desenvolver uma consciência de responsabilidade social, quanto a questão do consumo, respeito, altruísmo, tolerância e ética.

Além do que, para a indústria da mídia comercial televisiva, criança não tem nada de inocente e despreparada. Para o consumo, ela representa pelo contrário, um consumidor assíduo com direito a escolhas e com o poder de optar por diversificado número de produtos, também é considerada inteligente por sua capacidade de decisão.

Essa postura fica clara quando Buckingham (2007, p. 139) assevera que,

ali, as crianças não são mais vistas como basicamente inocentes e vulneráveis à influência. Ao contrário, elas são cada vez mais consideradas consumidoras midiáticas sábias, sofisticadas e exigentes [...]. Para estes, a comercialização da cultura midiática infantil não é uma questão de exploração, e sim, pelo contrário, um meio de libertação.

¹ O Instituto Alana é uma organização sem fins lucrativos criada em 1994 que entre outras tem também a incumbência de desenvolver atividades em prol da defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes relacionadas a relação de consumo em geral, bem como ao excessivo consumismo ao qual são expostos (Folha de São Paulo, 24 de Outubro de 2010 – ilustrada E3).

É essa a lógica do capital, ditada pelo advento da globalização para que todos os seguimentos sociais rendam-se a um consumismo mercadológico desenfreado. O desejo de obter bens de consumo, que são cada vez mais descartáveis, tomou conta da sociedade. Desenvolveu-se a ideia de que ter é sinônimo de felicidade.

A indústria, que se viu favorecida por essas necessidades, passou a aquecer a sua produção, investiu em tecnologias e pesquisas para produzir novos produtos, para atender não só um seguimento social, mas todo o público, desde o infantil até o idoso, com produtos cada vez mais estimulantes ao consumo e a facilidade de utilização.

É aí que entra a televisão como veículo de comunicação de massas e passa a disseminar através da publicidade, a ideia de necessidade em cada novo produto lançado no mercado. Essa estratégia de mercado, de oferta e de consumo, gera uma certa instabilidade individual em termos de papéis.

Já não identificamos mais, quando estamos na postura de consumidor ou mercadoria, visto que, na qualificação televisiva, o público espectador passa a configurar nesse cenário como venda de audiência.

Bauman (2005, p. 151) esclarece essa questão asseverando que,

somos consumidores numa sociedade de consumidores. A sociedade de consumidores é uma sociedade de mercado. Todos nos encontramos totalmente dentro deles, e ora somos consumidores, ora mercadoria.

Esse posicionamento da televisão em estímulos para o consumo, passa a assumir uma proporção superior quando a diretriz aponta para um público infantil. Nesse, a ideia de consumir associa-se a ideia de poder, de pertencer e adquirir visibilidade frente aos iguais. O maior problema, fica por parte daquelas crianças que, apesar do desejo estimulado por um consumir, não dispõem de condições financeiras para concretizá-los.

Essa postura de criança vislumbrada pela mídia comercial, onde todos gozam das mesmas oportunidades, não configura uma visão real quando passamos a analisar a criança em termos daquilo que ela capta como mensagem e como padrão. É importante salientar que esses efeitos, na criança, são acumulativos.

Sobre essa questão, Pfromm (2001, p. 152) sustenta que,

[...] não estamos tratando da influência da televisão nas pessoas adultas, com mentes e personalidades já formadas, mas dos efeitos acumulados que a criança sofre, decorrente de uma exposição continua ao bombardeio televisivo durante duas, três ou mais horas diariamente, dia após dia, mês após mês, ano após ano, notadamente durante os anos formativos por excelência que são os primeiros 12 anos da vida.

Esta concepção reflexiva, ancorada nos noticiários jornalísticos, que registra um crescimento contínuo no índice de criminalidade envolvendo jovens e crianças em furtos e

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

latrocínios, comprova que qualquer caminho é válido para obter-se o poder de comprar e consumir produtos. Na visão dos pais, estar diante da televisão tem sido uma garantia, quando a questão trata da segurança e integridade física dos seus filhos.

Mas a lógica televisiva é outra; para a televisão o que conta é “entretenimento e marketing” o diálogo que esse meio busca com o público é mediado em termos de audiência e ibope.

Quanto a criança, cabe a ela tão somente, a mensagem e os efeitos que essa mensagem é capaz de surtir pela forma estrategicamente planejada desse meio de comunicação para atingir um público específico, em busca de tirar dele a maior possibilidade de lucro que uma audiência é capaz de produzir.

Para Karl Popper (2007, p. 71),

a submissão do mundo midiático aos imperativos sagrados da concorrência e aos veredictos quotidianos dos índices de audiência provoca um nivelamento por baixo cujos efeitos mais nocivos se fazem sentir nos programas destinados às crianças e aos adolescentes.

Por uma vulnerabilidade ligada à imaturidade infantil, os efeitos das mensagens televisivas, sejam eles de cunho comercial publicitário, ou como mensagens de atitudes comportamentais se solidificam de forma mais consistente nas crianças.

Nessa questão Armstrong e Casement (2001, p. 20) defendem que,

as crianças, como é reconhecido nos dias de hoje, podem ser especialmente vulneráveis aos efeitos da televisão, pois ainda não possuem experiência suficiente com a vida real por meio da qual possam julgar o que vêem na tela. Além disso, uma vez que esses efeitos estão solidificados, eles tendem a exercer uma influência permanente.

Nelas, ainda não se desenvolveu um realismo moral para que julgue atos e ações que envolvam um respeito a si e aos outros. O que passa na televisão pode ser interiorizado como um comportamento aceitável, independente das consequências.

Piaget (1994, p. 93) salienta que,

[...] a regra não é absolutamente uma realidade elaborada pela consciência, nem mesmo julgada ou interpretada pela consciência: é dada tal e qual, já pronta, exteriormente à consciência; além disso, é concebida como revelada pelo adulto e imposta por ele.

A regra televisiva é não ter regra. Se a televisão atua combinando estratégias e fórmulas de sedução que a ela se prende através de imagens, sons, cores e um forte apelo emocional,

da mensagem oculta só se ver os efeitos, pois, fica muito mais fácil a predisposição das crianças em aceitar tudo o que é transmitido pela TV como verdade sem a possibilidade de tempo para refletir sobre o que vê, ouve ou sente enquanto assiste a uma determinada programação.

Nesse aspecto, tudo o que passa a ser transmitido acaba gerando uma aprendizagem de comportamento nas crianças, que são comportamentos reproduzidos em escala crescente na sociedade, com efeito, deletérios.

Pfromm (2001, p. 152) ressalta que,

este estado de coisa não geraria apreensões e a revolta que gera se, por um lado, os efeitos produzidos pela televisão no comportamento, na mente e na personalidade dos seres humanos que se desenvolvem fossem mínimos ou nulos.

Mas, esses efeitos não são mínimos nem nulos. Pelo menos no Brasil, tem sido cada vez maior o índice de criminalidade e infração envolvendo jovens e até crianças.

Os telejornais locais e nacionais estampam noticiários de ações praticadas por esses, fazendo uso de drogas e cometendo pequenos e grandes furtos aos olhos das autoridades e de outros cidadãos a qualquer hora do dia ou da noite sem nenhuma interferência de um ou de ambos.

E por conta de uma crescente violência urbana, ficar em casa a frente a televisão, assistindo a toda a sua programação, inclusive aos noticiários de violência, são atitudes consideradas como proteção contra essa onda de violência.

Para Popper (2007, p. 38),

a influência exercida pela televisão baseia-se em dois factores: o tempo passado a vê-la e o conteúdo dos programas. Quanto mais tempo o telespectador passa diante da televisão, mais sofre a sua influência, ainda que dependa, em certa medida, do conteúdo [...], verificou-se que o tempo gasto a ver televisão influencia o telespectador, independente do conteúdo.

Longe desses noticiários tornarem-se um meio em que a informação venha a ser interpretada como um comportamento que deve ser evitado, esses passam a receber uma conotação de impunidade, de permissividade e tolerância. Os efeitos são desastrosos principalmente nas crianças em fase de desenvolvimento.

Não estranhamos mais a reprodução dessas cenas envolvendo jovens de diferentes camadas socioeconômicas. Isso apenas nos confirma um aprendizado social e não um fato isolado de descaso ou carência econômica. Não que estes deixem de representar um importante fator de contribuição, mas não é o único. E isso porque a TV também passa a estabelecer a sua fórmula de tornar o mundo ou fato social conhecido.

Quanto a esta questão, Fischer (2003, p. 5) afirma peremptoriamente.

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo o complexo aparato cultural e econômico – de produção, veiculação e consumo de imagens e som, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria – é parte integrante fundamental de processos de produção e circulação de significados e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados aos modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida.

Nessas circunstâncias, os meios de comunicação ao mesmo tempo em que transmitem uma programação que apresenta retraço das chagas sociais, também apresenta a opção de acesso a essas, sem a necessidade de imputar responsabilidade aos atos.

E sobre os meios de comunicação Innerarity (2009, p. 139) da por certo que,

os meios de comunicação são os principais catalisadores da atenção, os instrumentos que atraem, dirigem e orientam a atenção das massas: oferecem um quadro estável para a regulação das relações de visibilidade e para a distribuição da atenção pública.

O que passa a ser transmitido nessa programação, será absorvido como uma realidade dos fatos sem a reflexão necessária sobre os meios pelos quais essas fatos foram produzidos e em que concepção individual eles estão sendo representados.

Também não encontramos nenhum posicionamento sobre uma importante questão: o que capta a câmera de uma TV? Sobre essa questão, Eco (1986) nos apresenta o que venham a ser as imagens captadas por uma câmera de TV e a escolha dessa imagem para a sua reprodução por parte de quem as dirige, o autor (*idem*, p. 328) sustenta que essas imagens são,

uma escolha de angulações dos campos, aparecem, diante do diretor de TV, em três ou cinco monitores, e dessas três ou cinco imagens o diretor escolhe a que deve ser mandada para o ar, instituindo assim uma montagem, o que vale dizer uma interpretação e uma escolha.

Nessas circunstâncias, o que vai conseguir chegar como informação de um fato para o telespectador não sera mais que a visão individual do diretor do programa, que, por sua vez, também adota o foco da atenção pessoal demarcado como importante para o operador de câmera dessas filmagens. Dificilmente essas imagens poderiam revelar-se como um contexto de realidade dos acontecimentos visualizados.

Entra em jogo nessa situação a emoção e o impacto que esse tipo de transmissão é capaz de causar, como também a sua escala de alcance. E se uma parcela cada vez maior da sociedade tiver acesso, e uns sentirem medo, outros se inclinarem a copiar e ainda outros,

desenvolverem discussões entre ações pró e contras e apontar culpados, o objetivo da programação foi alcançado.

O objetivo que uma exibição dessa natureza poderia almejar atingir seria o da informação, porém outros fatores entram na questão.

E sobre essa questão, Schwanitz (2004, p. 454) declara como verdade que “o que importa em primeira linha não é a objetividade, mas o seu colorido emocional, assim como os aspectos relacionais em jogo”.

Não basta que a televisão, alegando a necessidade da informação, justifique a exibição desse tipo de programação como parte importante do seu conteúdo jornalístico, que possa ser apresentado sem critério de horário nem tratamento adequado da mensagem proposta. Nos parece, que o grande furo jornalístico está ligado a ideia de chocar, de apresentar nua e crua a cara da realidade.

Innerarity (2009, p. 140) sustenta que “os meios de comunicação não se interessam pela realidade em si, mas por como a realidade é vista por outros, como por eles é percebida”.

Mas, a percepção infantil não consegue desenvolver uma reflexão consciente sobre aquilo que vê, ouve e sente ao assistir um programa transmitido pela TV, pois apenas abstrai dele a ação ou o fato em si mesmo, devido a sua condição infantil encontrar-se numa fase em que a formação de sua capacidade crítica necessita da intervenção de um adulto para juntos discutirem fatos e valores sociais necessários.

Sobre a questão da mediação de um adulto significativo na vida da criança atuando nessa ação reflexiva entre programação televisiva e aprendizagem infantil obtida através da televisão, Sara Pereira (2008, p. 301) contribui dizendo que.

As leituras feitas a partir das mensagens televisivas são diferentes consoante as crianças e as condições de recepção televisiva. A mediação que os adultos podem desenvolver em relação à televisão é então um elemento chave da educação para o uso criterioso da televisão, na medida em que é um processo estruturante da experiência televisiva da criança.

Esse diálogo não acontece entre telespectador infantil e TV, e dificilmente, eles encontram adultos familiares ou responsáveis, disponíveis para estes diálogos nos momentos das transmissões.

Sobre a necessidade da intervenção do adulto no ato de ajudar a criança a pensar o seu pensar num plano social e moral. Amália Rodrigues de Faria (1989, p. 55) da por certo que,

o intervencionismo do adulto deve ter o sentido de criar inaptações ou desequilíbrios internos, fazendo com que a criança sinta necessidade de pensar sobre o pensar [...], condições para que domine tanto o produto quanto o mecanismo do pensamento e verbalize-os [...]. A partir desta fase, as normas precisam ser aceitas para orientarem condutas sociais autênticas.

Essa tem sido a grande lacuna, que não é preenchida entre a programação que a criança assiste e a necessária reflexão sobre esta programação que possa levar a criança a um desenvolvimento de uma educação midiática, em que ela seja capaz de discernir entre real e ficção, entre certo e errado, entre fatos e falácias. Sobre a necessidade de formar um espectador crítico, Alborch (1995) (apud Gómez 2008, p. 51) defende que,

é fundamental formar telespectadores que não sejam crédulos perante as mensagens televisivas, que não divinizem a televisão, nem tão pouco a satanizem. Numa palavra, que saibam usá-la, decodificar as suas linguagens e conviver com ela, assumindo uma postura caracterizada pela crítica e pela liberdade.

E esse processo ocorre no momento em que a criança a partir da objetivação individual e do pensamento questiona a validade e as consequências dos modelos e comportamentos sociais transmitidos pela televisão, e age de acordo ou contra esses, de forma reflexiva e não apenas pelo que assistiu na programação como processo de imitação.

Ela necessita desenvolver esse conhecimento de forma consciente até porque a influência que ela obtém através da televisão tem sido significativamente forte.

Para Ferrés (1996, p. 62) “a televisão influi de forma decisiva na opinião que as crianças têm da realidade social. E essa influência baseia-se em grande parte nos estereótipos que a televisão usa ao representá-lo”.

Observamos que, apesar de algumas conquistas obtidas por diferentes grupos sociais e minoritários (obesos, homossexuais, negros, magros, pobres, idosos entre outros), esses, ainda que de maneira implícita, continuam a receber da mídia televisiva uma conotação e uma visibilidade negativa, e mesmo tentando justificar um direito de igualdade e de respeito em uma ou outra programação exibida a televisão, em vez de minimizar os efeitos da exclusão social desses grupos, só os evidenciam.

Nessas circunstâncias, esses grupos vão continuar a aparecer com a lógica do meio que estabelece fronteiras sociais para todo aquele que constitui uma diferença.

Nesse ponto da questão, Fischer (2003, p. 33) chama a atenção para

as questões relativas à exposição desmesurada da vida privada, às alterações profundas no sentido do que entendemos hoje como “público”, às lutas e impasses no que se refere às conquistas sociais dos excluídos e dos diferentes, bem como à centralidade do corpo e da sexualidade na cultura contemporânea – são questões que adquirem uma visibilidade impressionante na tela da televisão.

Isso porque a televisão tem uma maneira sutil de alimentar preconceitos e estereótipos que passam despercebidos aos olhos dos desatentos, mas que efetivamente reforça um comportamento discriminatório e camuflado do fato.

Ellis Cashmore (1998, p. 58) sustenta que,

quanto mais sutis forem os meios pelos quais as mensagens são transmitidas, mais efetivos eles serão [...]; é muito melhor que eles acreditem genuinamente em algo, a um ponto que não precisem refletir sobre isso.

Para a televisão, o espectador não precisa desenvolver um raciocínio lógico sobre o que ele assiste, o lazer proposto por essa indústria cultural de massa deve ser absorvido sem esforço reflexivo.

Nesse aspecto, Adorno (2006, p. 113) defende que

o espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento -, mas através de sinais. Toda lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada.

De acordo com Ferrés (1996), alguns autores nem costumam mais se referir à televisão como um veículo ou meio de comunicação social, pelo fato de que a comunicação que se obtém via televisão é uma comunicação *vertical* ou *individual*, sendo este sentido único de transporte.

A televisão utiliza a sua programação (informação) para um telespectador que apenas recebe o que foi previamente definido como necessário para conhecimento do mesmo. Sendo assim, alguns autores utilizam em vez de meio de comunicação o termo *meio de difusão*.

Segundo Ferrés (1996, p. 59), “a nossa imagem da realidade é basicamente aquela oferecida pela mídia e principalmente pela televisão”.

A literatura publicada acerca da televisão analisando seus efeitos positivos para a formação de valores infantil é incipiente. O que predomina de forma unânime é que a televisão não adota postura formadora na sua programação, ela apenas entretém, valoriza uma cultura de consumo, do descartável, do supérfluo, infringe normas e padrões de comportamento ético e moral, prioriza a imagem e a visibilidade, banaliza a violência e exalta o medo, e além de tudo, interfere na forma de ver e pensar nos fatos que apresenta.

Para Cashmore (1998, p. 54), “não há como negar que, sofisticados ou não, somos influenciados pela TV, não tanto no modo como pensamos mas naquilo sobre o que pensamos”. Se esses efeitos são sentidos e observáveis no adulto, na criança em fase de formação será muito mais visível.

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA DO ESTUDO

Nesse capítulo, descrevemos o caminho metodológico utilizado, apresentaremos os métodos de coleta e análise dos dados obtidos e as limitações, objetivando explicitar o percurso que embasa a discussão e a análise final do estudo.

O campo de investigação dessa pesquisa envolveu às escolas da rede municipal de Ensino Fundamental de Maceió: Escola Municipal de Ensino Fundamental Floriano Peixoto, localizada em Ipioca, a 24 quilômetros de distância do centro de Maceió, Escola Municipal de Ensino Fundamental Arnon Affonso de Farias Mello, localizada no Conjunto José da Silva Peixoto, 6 quilômetros de distância do centro de Maceió e Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Pompeu Sarmiento, localizada no bairro Murilópolis, distante 8 quilômetro do centro de Maceió.

Maceió é a capital das Alagoas, localizada no Nordeste do Brasil (fig.1).

Alagoas (fig. 2) possui 102 municípios e é considerada o paraíso das águas por possuir um imenso manancial de lagoas, rios e praias de águas azuis e piscinas naturais. Segundo dados do IBGE, o município de Maceió, capital das Alagoas, possui uma área de 510,66 km² e uma população de 932.608 habitantes.²

Maceió possui uma rede Municipal de Ensino composta de 94 Escolas com 51.406 matrículas no Ensino Fundamental, segundo dados do INEP 2009³. O universo para a amostra deste estudo foi três escolas que atendem alunos do 5º ano do Ensino Fundamental.

A escolha dessa série de ensino prende-se ao fato de que, como iríamos questionar alunos (crianças), necessitávamos que os mesmos fossem capaz de opinar através de respostas simples aos questionários elaborados para a primeira fase da pesquisa, a qual denominamos questionário diagnóstico ou coleta de dados exploratório.

Nessa etapa buscamos dados que fornecesse condições para nos apropriarmos da preferência desses alunos quanto a escolha de uma programação televisiva na atualidade.

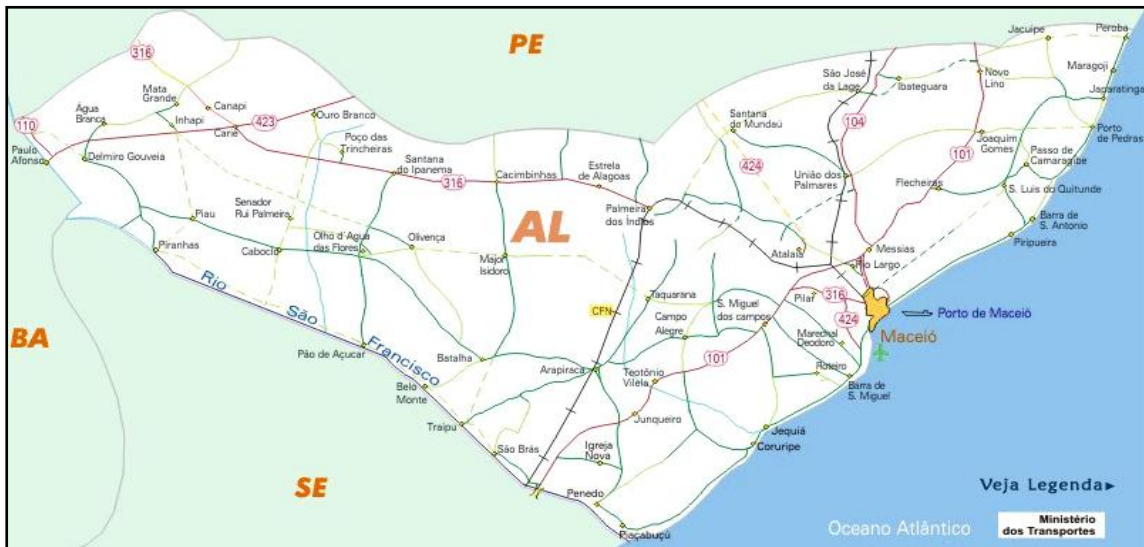
2 Fonte: (1)Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - Censo Educacional 2009.

Figura 1. Mapa do Brasil



Fonte: http://www.ibge.gov.br/censo2010/dados_divulgados/index.php?uf=27. – acesso em 31 de Dez.2010

Figura 2. Mapa do Estado de Alagoas



Fonte: www.guianet.com.br/guiacidades/-acesso em 31 de Dez.2010

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

Para Faria (1989), essa é uma fase em que o pensamento verbalizado e socializado já são facilitados, pois a criança dos 7 aos 12 anos encontra-se na fase do período operacional concreto.

De fato, Faria (1989, p. 50) considera que,

à medida que o indivíduo constrói estruturas operatórias, conceitos e relações espontâneas, toma consciência das mesmas e designa-as por meio de palavras, ou seja, o pensamento torna-se verbalizado e os contatos sociais são facilitados.

Acreditamos que devido a escolha da série e faixa etária, esses alunos já estavam habilitados a nos oferecer esse conhecimento. Nessa etapa, fizemos uso de um questionário simples (Apêndice 1), aplicado pela professora da série e da turma, no qual o aluno respondeu sobre questões: idade, sexo e programa de TV mais assistido no momento.

O resultado desse diagnóstico pode ser visualizado nos gráficos 1 a 7 com as suas respectivas análises.

Vejamos a análise das representações gráficas dessas preferências.

Dos 106 alunos inquiridos nas turmas do 5º A, 5º B e 5º C da Escola Municipal Floriano Peixoto, 47 alunos desse total pertenciam ao sexo masculino e 60 ao sexo feminino. Na escolha da Programação predileta entre os dois sexos, esses alunos apontaram como a programação mais assistida com:

1ª, com 39%, *os Mutantes*; 2ª, com 16%, o programa *Todo mundo Odeia o Cris*; 3ª, com 12%, *Vai dar namoro*; 4ª, com 9%, *TV Globinho*; 5ª com 8%, *Malhação*; 6ª, com 7%, *Pica-pau* e por último, com 6%, a novela *Ti-ti-ti*.

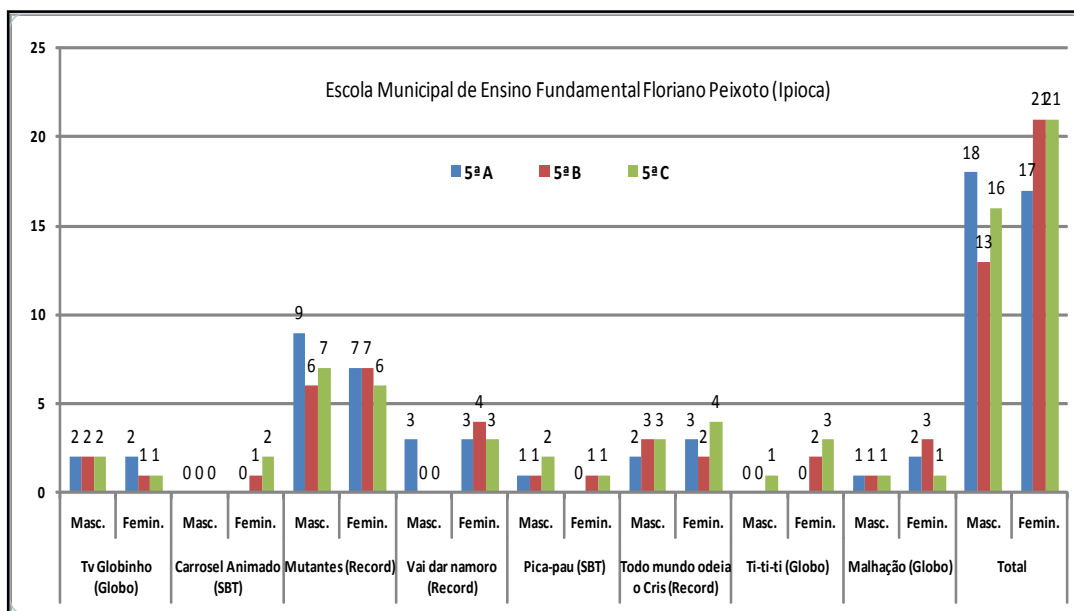
A análise dessas representações, como se mostra nos gráficos 3 e 4, permite afirmar que, dos 74 alunos inquiridos nas turmas do 5º A e 5º B da Escola Municipal Arnon Affonso de Farias Mello, 32 alunos desse total pertenciam ao sexo masculino e 41 ao sexo feminino. Na escolha da Programação predileta entre os dois sexos, esses alunos apontaram como a programação mais assistida com:

1ª, com 55%, *os Mutantes*; 2ª, com 14%, *Todo mundo Odeia o Cris*; 3ª, com 9%, *TV Globinho*; 4ª, com 7%, *Vai dá namoro*; 5ª, com 5%, *Malhação*; 6ª, com 4%, *Pica-pau* (desenho animado) e 7ª, com 6%, ficou para *Carrocel animado* (desenho) e a novela *Ti-ti-ti* (representação).

Detenhamos agora a nossa atenção nos gráficos 5 e 6. Dos 94 alunos inquiridos nas turmas do 5º A, 5º B e 5º C da Escola Municipal Dr. Pompeu Sarmiento, 40 alunos desse total pertenciam ao sexo masculino e 54 ao sexo feminino. Na escolha da Programação predileta entre os dois sexos, lidera:

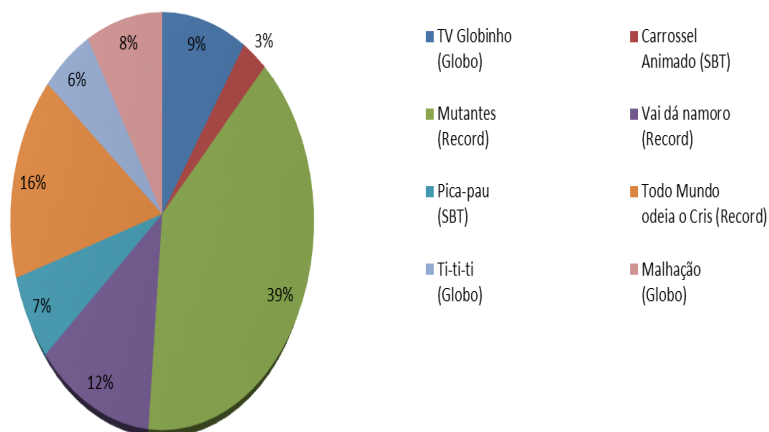
1ª, com 55%, os *Mutantes*; 2ª, com 12%, *Todo mundo Odeia o Cris*; 3ª, com 9%, *TV Globinho*; 4ª, com 7%, *Vai dá namoro*; 5ª, com 6%, *Malhação*; 6ª, com 5%, *Ti-ti-ti* e 7ª, com 3%, ficaram com os desenhos: *Carrocel animado* e *Pica-pau*.

Gráfico 1 – Diagnóstico da programação apontada como preferida pelas crianças da Escola de Ensino Fundamental Floriano Peixoto:



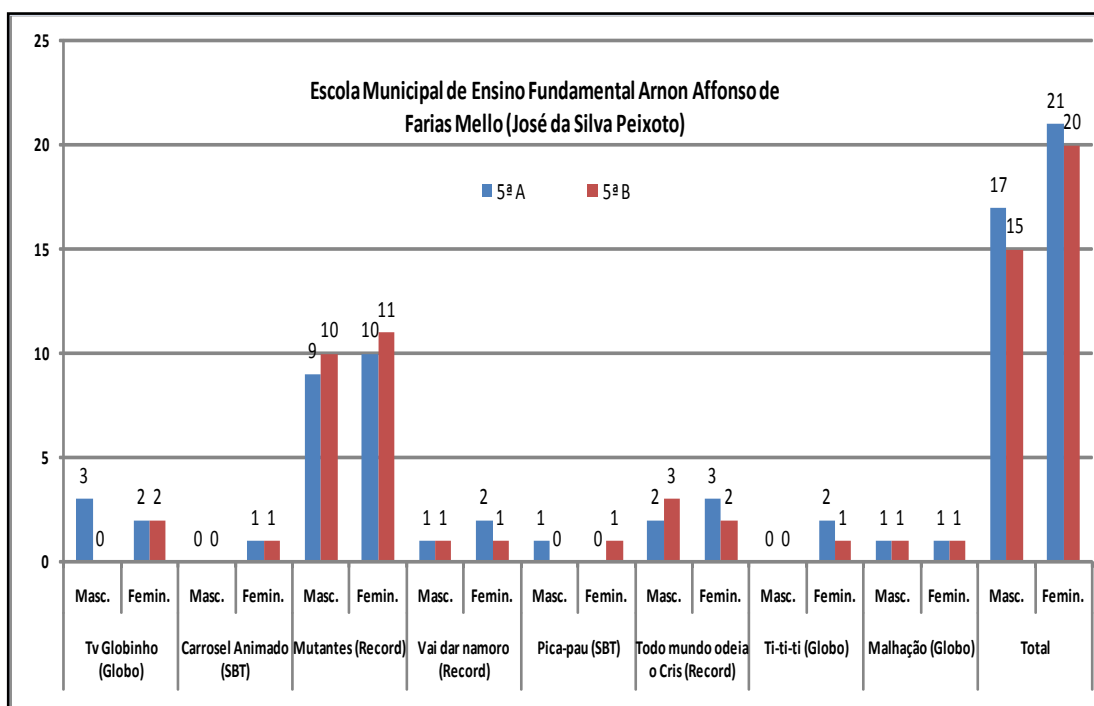
Fonte: diagnóstico obtido por aplicação de questionário com as turmas do 5º ano A, B e C

Gráfico 2 – Representação da escolha de programação entre as turmas:



TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

Gráfico 3 – Diagnóstico da programação apontada como preferida pelas crianças da Escola de Ensino Fundamental Arnon Affonso de Farias Mello



Fonte: diagnóstico obtido por aplicação de questionário com as turmas.

Gráfico 4 – Representação da escolha de programação entre as turmas:

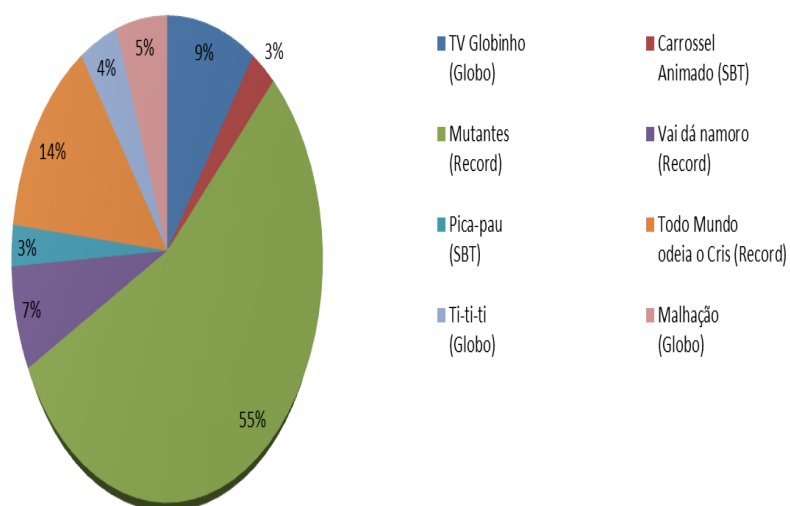
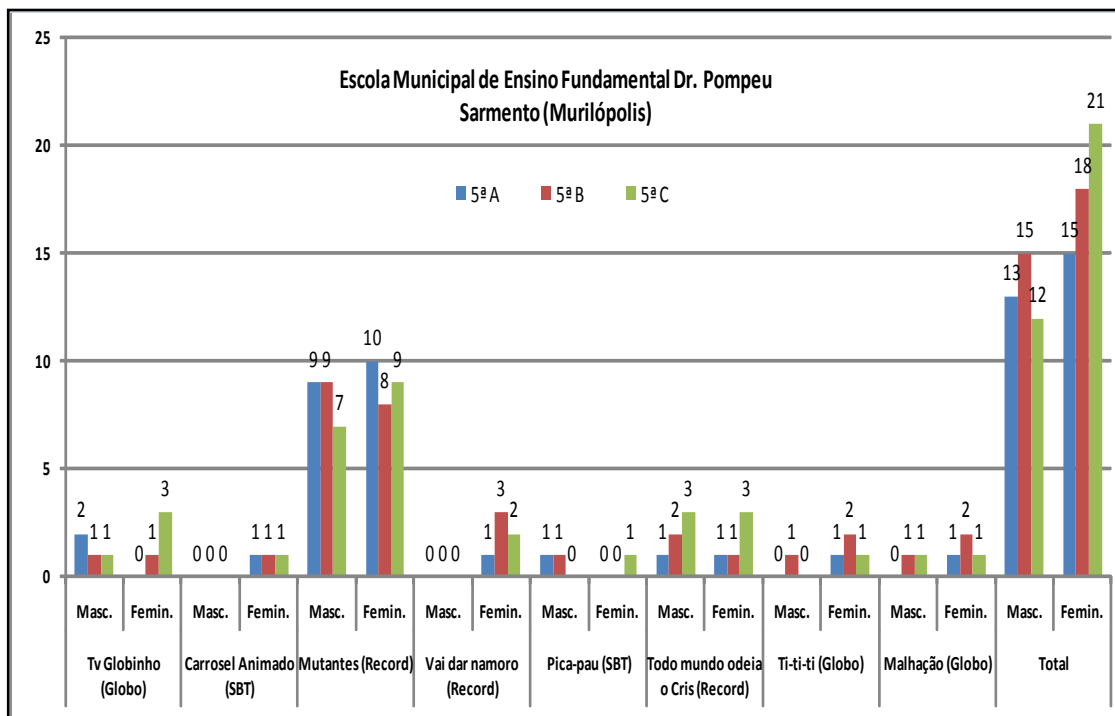


Gráfico 5 – Diagnóstico da programação apontada como preferida pelas crianças da Escola de Ensino Fundamental Dr. Pompeu Sarmento



Fonte: diagnóstico obtido por aplicação de questionário com as turmas.

Gráfico 6 – Representação da escolha de programação entre as turmas:

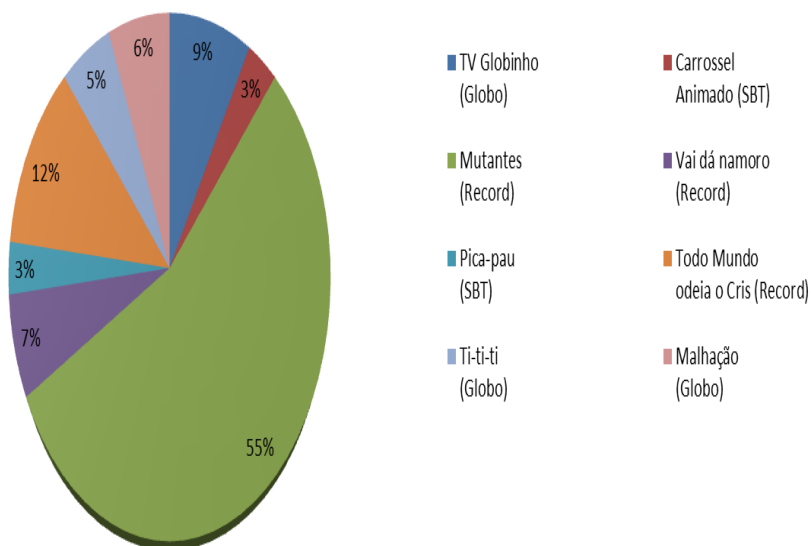
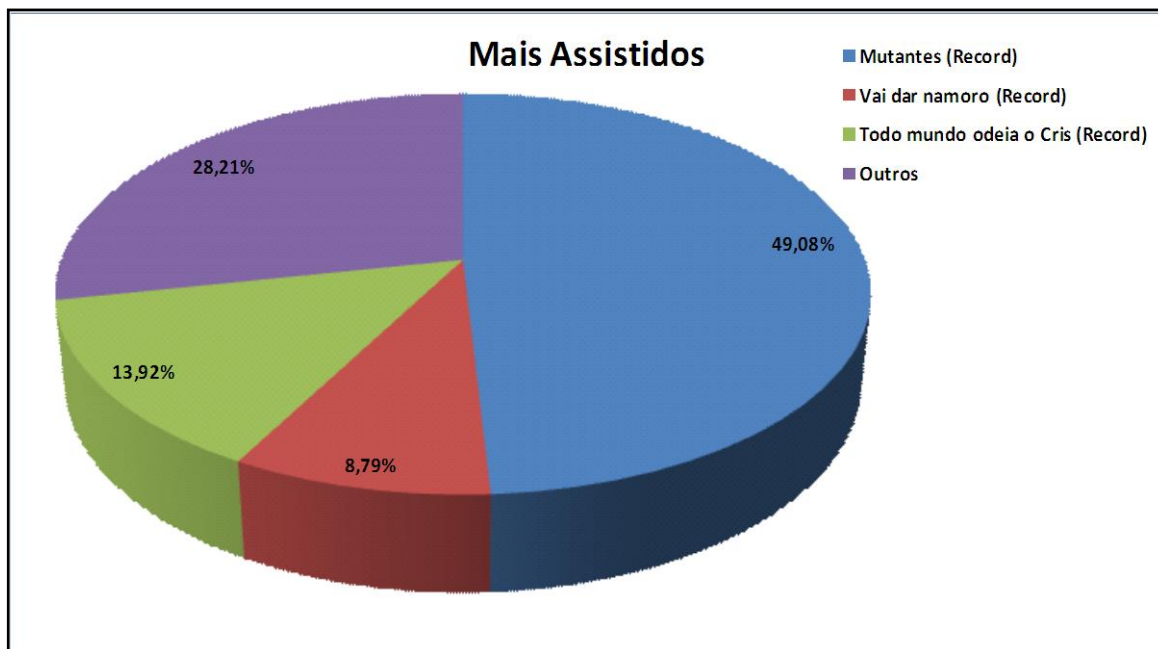


Gráfico 7 – Programação mais assistida entre alunos do 5º ano do ensino fundamental nas três escolas.



Fonte: tabulação dos dados obtidos na pesquisa empírica entre as três escolas.

2.1. ANÁLISE GERAL DOS DADOS OBTIDOS

Dos 274 alunos do sexo feminino e masculino inquiridos nas três escolas da rede municipal de ensino de Maceió-Alagoas-Brasil verificamos que 49,8%, tinha como programação predileta a novela *Os Mutantes* da rede Record de televisão, 28,21%, apresentaram interesse em programação diversificada, entre elas: *TV Globinho* (Globo), *Carrossel Animado* (SBT), *Pica-pau* (SBT), *Ti-ti-ti* – reapresentação (Globo), *Malhação* (Globo), 13,92%, sinalizaram como programação predileta, *Todo mundo odeia o Cris* (rede Record) e 8,79%, *Vai dar namoro* (rede Record).

Por meio desse primeiro diagnóstico, a novela *Os Mutantes: caminhos do coração*, foi a programação que obteve maior índice de audiência entre meninos e meninas da nossa amostra. Vale salientar, que essa programação está em sua quarta temporada.

O escopo desse trabalho é uma análise de conteúdo da programação apontada pelas crianças como a mais assistida na atualidade, Campos (2007, p. 265) referenda que,

analisar o conteúdo de uma entrevista, de uma fala, de uma observação realizada, exigirá que o pesquisador esteja aberto para a

compreensão de que as palavras têm mais a dizer do que dizem. Não se trata de adivinhar, ou mesmo de criar observações de estudo, mas sim de ver no conteúdo apresentado ao pesquisador o que de fato o fenômeno observado apresenta, tornando visível o oculto.

A análise de conteúdo enquanto método se adequou a finalidade deste estudo, pois, precisávamos identificar numa programação específica o tipo de influência que a mesma é capaz de exercer sobre os jovens que a assistem.

Segundo afirmações de Lanksheare Knobel (2008, p. 275),

uma suposição fundamental que está na base da análise de conteúdo é que o uso frequente de determinadas palavras, ou de uma forma específica de expressão, assim como o uso de um determinado vocabulário – ou discurso – transporta informações sobre visões de mundo, ideologias e contextos sociais da época em que o texto foi produzido.

A pesquisa bibliográfica através de leituras, fichamentos e resumos sobre o tema, constituiu o ponto de partida e permeou todo o processo de análise para realizar a síntese desse estudo.

2.2. TIPOLOGIA DA PESQUISA

Para referenciar este estudo optamos por uma pesquisa quanti-qualitativa, pois, segundo Goldenberg (2005, p. 62),

a integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança de que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular.

Este tipo de pesquisa foi capaz de fornecer com maior segurança as informações de que necessitávamos para obter a resposta e diagnosticar a programação preferida dessas crianças.

Na primeira fase desse trabalho, a pesquisa quantitativa atuou de forma a tornar possível a quantificação através de números e dados da realidade com a indicação das tendências observáveis.

Com a informação obtida, tivemos condições de saber que programação tem sido mais assistida na atualidade por esse público infantil.

Esse percurso foi referendado em Minayo (2008, p. 23) sustentando que,

no cerne da defesa do método quantitativo enquanto suficiente para explicarmos a realidade social está a questão da objetividade. Para os positivistas, a análise social seria objetiva se fosse realizada por instrumentos padronizados, pretensamente neutros.

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

A neutralidade nesse primeiro diagnóstico foi o foco deste estudo, não enumeramos nem destacamos nenhum programa nem canal, até porque os sujeitos de estudo para esse diagnóstico foram crianças de uma classe socioeconômica desfavorecida, que não tinham acesso a TV por assinatura, só transitavam através da programação em canal aberto.

De acordo com as informações e tratamento dos dados, partimos para a segunda etapa do trabalho, a análise da programação apontada pelas crianças entrevistadas como a de maior audiência na atualidade.

Para extrair os significados temáticos a partir da programação escolhida e essa foi a segunda atitude investigativa, adotamos a análise de conteúdo fundamentados em Chizzotti (2006, p. 117). Esse autor defende que,

a análise de um conteúdo parte do pressuposto de que o léxico, um vocábulo que é uma unidade discreta do texto, constitui uma síntese condensada da realidade e a frequência de seu uso pode revelar a concepção de seu emissor, ou seus valores, opções, preferências.

Nessa fase, a pesquisa qualitativa forneceu possibilidades de analisar valores, crenças e motivações que subsiste na programação televisiva como capaz de influenciar as crianças com um aprendizado através de modelação de comportamento.

De acordo com afirmações de Flick (2004, p. 27), “a pesquisa qualitativa trata das construções da realidade – suas próprias construções e, especialmente, das construções que encontra no campo ou nas pessoas que estuda”.

A análise de conteúdo da programação foi realizada nos 20 capítulos previamente gravados para esse fim (Anexo 2). Neles, buscamos a interpretação dos significados contidos na fala, nas imagens apresentadas, na ação desenvolvida pelos personagens como capaz de dar sentido a interpretação dos dados através da inferência.

Quanto a questão da inferência, Campos (2007, p. 265) contribuiu, constatando que o pesquisador,

quando for trabalhar com o material coletado para apresentar seus resultados, se baseará na inferência: inferência essa advinda da dedução, da compreensão do significado no qual o pesquisador se debruça para, como que com uma lupa, desvendar a fala, as ações ocorridas.

Trabalhamos a análise de conteúdo desses capítulos, observando também aspectos que pudessem atuar como interpretação dos significados simbólicos e não expresso na interpretação de uma mensagem oculta, buscando sentido para cada ação representativa dos personagens da novela.

Para Campos (2007, p. 266), a “a análise de conteúdo tem um objetivo primeiro que é interpretar os significados dos fenômenos apresentados ao pesquisador, os quais tanto a pessoa como a sociedade não compreendem”.

Nesse trajeto, algumas categorias enumeramos como prioritárias para uma análise com a possibilidade de agir como influenciadora na modelação de comportamento infantil, são elas: *aprendizagem por modelação* fundamentados na teoria da aprendizagem social em Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 137) quando “supõe que as influências do modelo produzem aprendizagem...” *desengajamento moral*; ainda fundamentados em Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 165) demonstrando “como as pessoas podem encontrar justificativas para cometer atos anti-sociais sem se sentirem culpadas ou censuradas por isso”.

QUADRO-SÍNTESE DAS CATEGORIAS

Categorias	Características
Aprendizagem por modelação	<p>A aprendizagem é dependente de quatro subprocessos inter-relacionados: atenção; retenção ou lembrança do comportamento; reprodução motora; reforço e motivação;</p> <p>A aprendizagem ocorre através da observação de modelos;</p> <p>A aprendizagem ocorre através das associações que podem ser feitas;</p> <p>A aprendizagem ocorre através da atração interpessoal;</p> <p>A aprendizagem ocorre quando as representações simbólicas guiam a ação expressa ou afetiva.</p>
Desengajamento moral	<p>A moral é vista como sujeita à auto-influência, mas só opera quando alguns mecanismos auto-reguladores são ativados:</p> <p><i>Justificação moral</i> - Quando um ato repreensível torna-se aceitável socialmente;</p> <p><i>Linguagem eufemística</i> - Quando a linguagem utilizada serve para mascarar ou diminuir a sua gravidade;</p> <p><i>Deslocamento da responsabilidade</i> – Quando as ações anti-sociais são justificadas a partir de imposições sociais ou provocadas por outros;</p> <p><i>Comparação vantajosa</i> – Quando uma ação anti-social é comparada com outra ação mais repreensível;</p> <p><i>Difusão da responsabilidade</i> – Quando uma ação anti-social é praticada de forma coletiva e ninguém se responsabiliza;</p> <p><i>Distorção das consequências</i> – Quando a ação é praticada com a crença de o fazer pelo bem;</p> <p><i>Desumanização</i> – Quando é suprimida as qualidades humanas de quem pratica a ação;</p> <p>Atribuição de culpa – Quando quem pratica a ação anti-social passa a ver-se como a vítima da ação.</p>

E para analisar essas categorias na programação diagnosticada como conteúdo, buscamos uma fundamentação em Bardin (1979) *apud* Minayo (2008, p. 83) sustentando que a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por

procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Buscamos na programação da novela *Os Mutantes*, diagnosticada como a programação mais assistida entre as crianças entrevistadas, ações dos personagens, fala e imagem que fornecessem subsídios para a análise desse conteúdo representativo.

Segundo Chizzotti, todo texto contém sentidos e significados, que pode deixar transparecer ou ocultar-se a quem ler, ou no caso da televisão, à quem assiste.

Para esse autor, (2006, p. 117).

A análise de um conteúdo parte do pressuposto de que o léxico, um vocábulo que é uma unidade discreta do texto, constitui uma síntese condensada da realidade e a frequência de seu uso pode revelar a concepção de seu emissor, ou seus valores, opções, preferências.

Adotamos essa atitude de análise como percurso de estudo. Buscamos ler, nas entrelinhas expostas ou ocultas na fala, gestos e ações dos personagens, atos e ações que pudessem ser observados, analisados e divulgados.

Em conformidade com as concepções de Lankshear e Knobel (2008, p. 276), “os pesquisadores podem preferir trabalhar indutivamente – buscando através do texto, palavra por palavra, expressão por expressão ou parágrafo por parágrafo para destilar ideias e temas importantes ali contidos”.

Essa postura teve um peso maior neste estudo, até porque, o texto analisado foi um texto televisivo e a indução foi obtida não só através da expressão oral ou na quantificação da sua repetição, mas também na expressão corporal/sentimental nas representações dos personagens.

A maior dificuldade ficou por conta de só analisar 20 capítulos de uma programação que já vinha sendo transmitida anteriormente e de não ter conseguido cruzar a análise do entrevistador com a visão pessoal das crianças sobre o programa devido a questões burocráticas no intercâmbio entre a Universidade de Aveiro e Universidade Federal de Alagoas para que a pesquisadora obtivesse acesso autorizado em tempo hábil através do Comitê de Ética da UFAL a essas crianças.

Essa questão pode justificar em certa medida alguma superficialidade da análise na aprendizagem das crianças, obtida através da influência de uma determinada programação, e também porque alguns dos capítulos gravados da programação não foram significativos para análise na visão do pesquisador, portanto, foram suprimidos da mesma.

2.3. SUJEITOS ENVOLVIDOS

Na primeira fase deste estudo e para obter informações sobre preferência de programação televisiva, desenvolvemos uma pesquisa diagnóstica em três escolas da rede municipal de ensino de Maceió.

Nesse percurso a atuação da direção das três escolas na liberação do acesso às turmas e atuação das professoras das séries na aplicação dos questionários foi de suma importância para o estudo.

Utilizamos um documento para autorizar nosso acesso para inquirir alunos sobre a preferência da programação com aceitação da direção em cada escola (Apêndice 1). Em seguida, conversamos com a professora de cada turma para aplicar os questionário previamente elaborados (Apêndice 2).

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Arnon Affonso de Mello a amostra inquirida foi composta por 2 turmas de 5º ano no universo de 33 alunos do sexo masculino e 41 do sexo feminino num total de 74 alunos. A aplicação dos questionários ficou a cargo de 2 professoras, uma de cada turma.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Pompeu Sarmento, a amostra inquirida foi composta por 3 turmas de 5º ano no universo de 40 alunos do sexo masculino e 54 do sexo feminino num total de 94 alunos. A aplicação dos questionários ficou a cargo de 3 professoras, uma de cada turma.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Floriano Peixoto a amostra inquirida foi composta por 3 turmas de 5º ano no universo de 47 alunos do sexo masculino e 59 do sexo feminino num total de 106 alunos. A aplicação dos questionários ficou a cargo de 3 professoras, uma de cada turma.

Nessa amostra, totalizamos 3 diretores das respectivas escolas, 274 alunos envolvidos na primeira fase e 8 professoras.

A segunda fase do estudo foi desenvolvida através da análise da programação mais assistida e a qual foi previamente gravada em 20 capítulos seguidos entre os dias 02/12/2010 a 29/12/2010.

2.4. CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO DA PESQUISA

Esta pesquisa compreendeu a análise de conteúdo em 20 capítulos da novela *Os Mutantes: caminhos do coração*, gravados entre o período de 02/12/2010 a 29/12/2010.

Os Mutantes – Caminhos do Coração é um seriado brasileiro produzido pela Rede Record de televisão, foi escrito por Tiago Santiago, com direção geral de Alexandre Avancini.

A novela teve três temporadas: a primeira foi exibida entre 28 de Agosto de 2007 a 2 de Junho de 2008. A segunda temporada foi levada ao ar, no dia 3 de Junho de 2008, denominada *os Mutantes - Caminhos do Coração*, acabou dia 23 de Março de 2009. A terceira temporada teve início dia 24 de Março de 2009, denominada *Promessas de Amor* terminando em 3 de agosto de 2009.

Essas exibições ocorriam de segunda a sábado no horário das 20h40 com duração de 60 minutos incluindo os espaços publicitários entre as apresentações.

Desde 31 de Maio de 2010, a novela voltou a ser exibida como reprise do episódio: *Os Mutantes - Caminhos do Coração*, que corresponde ao título da segunda temporada da trama. O horário de exibição para reprise da programação foi alterado e passou a ser exibida de 18h15 a 18h45 de segunda a sexta-feira com duração de 30 minutos sem intervalos comerciais.

A trama central da novela, de acordo com a sinopse da Rede Record (2011), envolve uma personagem acrobata de circo.

Logo no início da história, a doce e simples artista circense se vê como a principal suspeita de matar o milionário dono da Progênese, uma clínica no qual são criados seres geneticamente modificados, os mutantes, com superpoderes.

Na novela, a Progênese é considerada uma das maiores redes de hospitais, clínicas e laboratórios do Brasil.

A personagem acrobata cai em uma armadilha e luta para proteger-se das tramas malignas que a enredam. Ela conta com a ajuda de seus pais, grandes artistas, palhaços maravilhosos, proprietários e apresentadores do monumental circo. Um templo de celebração das artes cênicas e do entretenimento (fig. 3)

Figura 3. Personagem acrobata e seus pais, artistas e proprietários do Circo.



Fonte: todosobrecdc.blogspot.com

Os mistérios da novela começam a se desenrolar quando a acrobata descobre que não é filha biológica dos donos do circo. Ao tentar provar sua inocência e conhecer sua verdadeira origem, descobre que é filha biológica do milionário dono da Progênese a qual está sendo acusada por homicídio. A acrobata torna-se uma fugitiva e conta com a ajuda de um policial federal que trabalha também, em uma investigação para descobrir quem envenenou a sua esposa.

Várias pessoas têm interesse na morte do proprietário da Progênese. Já que esse, sem herdeiros diretos por conta do desaparecimento da esposa e filha, deixaria todo o seu patrimônio para herdeiros indiretos.

Essa herança gera disputa entre seus irmãos, uma gananciosa cunhada e por todos os seus sobrinhos. O que aumenta a lista de suspeitos do crime.

A mansão do Morumbi — bairro nobre da cidade de São Paulo — fica mais agitada a cada dia depois da morte do patriarca, especialmente por causa das eternas brigas entre o irmão e a cunhada, que travam uma guerra também pelo controle das empresas.

Subitamente, várias mortes sem explicação vão acontecendo. Há um mandante para esses crimes, mas apenas o executor dos crimes, sabe quem é.

Os mutantes apresentam-se com diversos poderes: super velocidade - Habilidade de se mover depressa, correr em velocidade super-sônica e enxergar o mundo como se estivesse em câmera lenta; poder da sedução - Pode seduzir homens apenas passando por perto deles; intangibilidade - Habilidade de diminuir a densidade natural de objetos ou possivelmente a própria pessoa. Isso inclui a habilidade de atravessar matéria sólida sem se machucar; poderes hipnóticos - pode hipnotizar outras pessoas através do olhar e da voz; absorção de poderes - pode absorver permanentemente uma pequena parte do poder de outro mutante, mas não o leva à morte. Também consegue absorver a energia de humanos; super força - possui uma força sobre-humana, podendo levantar objetos bem mais pesados que o seu peso e arrancar objetos que estejam presos com concreto. Seus socos e chutes são bastante fortes, podendo deixar a pessoa atingida desacordada por alguns minutos. (fig. 4).

Figura 4. Socos de mutante dotada por super-força.



Fonte: cdcdetiagosantiago.blogspot.com

Na novela, também encontramos mutante com poder de regeneração - regenera-se de ferimentos instantaneamente (exceto no calcanhar), sejam eles leves arranhões ou tiros de revólver; mutante com visão de raio-X - capacidade de ver através de corpos; projeção astral e petrificação; poder de lê pensamentos; dom da clarividência, paralisia corporal, bloquear poderes, poder de copiar poderes de qualquer mutante; poder de soltar raios pelos olhos - libera raios paralisantes ou mortais de seus olhos (fig. 5); superinteligência - possui uma mente bastante superior, podendo criar máquinas e armas modernas e poderosas; dom da cura; poder de voar - possui um par de asas que permitem-lhe que vôle. (fig. 6).

Figura 5. Metamorfo emitindo raio pelos olhos



Fonte:<http://tudosobrecdc.blogspot.com/search?q=metamorfo&submit>

Figura 6. Mutante com poder de voar



Fonte: munsomutante-reprise.blogspot.com

A criação dos mutantes fica a cargo da Dra. Júlia, uma cientista pesquisadora que trabalhava com o dono da Progênese mas, que não gozava de sua total confiança.

Ela também desenvolvia uma atividade paralela, em um Laboratório secreto na Ilha do Arraial, local onde guarda a sete chaves as experiências com mutações genéticas perigosas e que não deram certo.

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

Dra. Júlia consegue fabricar o soro da juventude, toma um pouco e torna-se outra mulher, mais jovem 30 anos.

Os mutantes viram vampiros (fig. 7) e (fig 8).

Figura 7. Mutante Vampiro



Fonte: promessas-de-amor-cdc.blogspot.com

Figura 8. Mutante vampiro



Fonte: osmutantescdc.novelablog.com.br

Também viram cobras, aranha (fig. 9), formigas, macaco, Minotauro (fig. 10) entre outros.

Figura 9. Mutante aranha



Fonte: nataliportodavida.blogspot.com

Figura 10. Mutante Minotauro



Fonte: entretenimento.r7.com

A trama também apresenta seres do outro planeta. Mas, todo o enredo se desenvolve pelas lutas constantes entre os mutantes do bem, os mutantes do mal e a disputa pelo poder junto a Progênese.

Capítulo 3. Análise e interpretação dos dados

Neste capítulo, buscamos introduzir pistas que favoreçam uma condução de ideias e valores a respeito da programação apontada entre os jovens entrevistados como a preferida.

Nessa trajetória a teoria social cognitiva de Albert Bandura foi amplamente utilizada como aporte teórico para análise e condução das reflexões acerca da programação.

De acordo com a nossa hipótese, essa programação é capaz de promover um impacto na aprendizagem de comportamento social desses jovens, tanto pelo papel representativo que exerce no imaginário infantil, quanto pela repetição da programação que está no ar pela quarta vez consecutiva, e já rendeu até, álbum de figurinha infantil.

Não podemos negar o poder persuasivo da mídia eletrônica nessa aprendizagem social obtida através da imitação de modelos, até porque a novela *Os Mutantes* apresenta em seu elenco, renomados artistas do mundo musical brasileiro como: *Fafá de Belém*; *Tony Garrido*; *Preta Gil*, (fig. 11).

Além desses, outro grupo de representação das artes dramáticas composto por um elenco jovem (meninos e meninas) (fig. 12), com um talento extraordinário de representação e beleza e outros astros já consagrados no universo das telenovelas brasileiras (fig. 13).



Todo esse cenário favorece uma proximidade maior entre elenco e público como modelação pela simbologia representativa e variedade virtualmente ilimitada de informações fornecidas e acessíveis à eles.

Por meio dos avanços observados na tecnologia da comunicação, Bandura et al (2008 , p. 20) dão por certo que “novas ideias, valores e estilos de condutas espalham-se muito rápido em todo o mundo, de maneira que promovem uma consciência globalmente distribuída”.

A localidade na qual coletamos informações a respeito da programação preferida, bairros da periferia de Maceió, também favorece uma modelação de comportamento obtida através

dos modelos representados pelos atores, porque passa a promover desejos de realização pessoal nas crianças.

Para procedermos com uma análise de qualquer programa e o efeito desse na aprendizagem se faz necessário recorrer ao contexto em que essa programação está sendo visualizada. Segundo Sara Pereira (2008, p. 183),

a qualidade de uma programação pode ser julgada de diversas formas e tomar significados diferentes, de acordo com o que vai ser apreciado, com as motivações e as necessidades dos receptores, além das intenções dos emissores de televisão.

Na periferia de Maceió, as crianças convivem com a violência, o crime organizado, o tráfico de drogas inclusive no ambiente doméstico, a falta de segurança, o desemprego dos pais, falta de saneamento, precárias condições de assistência à saúde, péssimas condições de moradia entre outros problemas.

Um ambiente dessa natureza passa a ser muito mais propício a uma invasão cultural. Segundo afirmações de Freire (2006, p. 41),

toda invasão sugere, obviamente, um sujeito que invade. Seu espaço histórico-cultural, que lhe dá sua visão de mundo, é o espaço de onde ele parte para penetrar outro espaço histórico-cultural, superpondo aos indivíduos deste seu sistema de valores [...]. O invasor reduz os homens do espaço invadido a meros objetivos de sua ação.

Em contrapartida, a novela *Os Mutantes* apresenta uma disputa que envolve membros de uma rica poderosa e conceituada família moradora de um bairro nobre de São Paulo.

O luxo, o conforto e as mordomias obtidas pelos personagens, exercem desejos e sonhos entre aqueles que só visualizam essa situação através da tela da TV.

A novela também apresenta um elenco com superpoderes capaz de resolver questões que a qualquer simples mortal do mundo real, seria impossível.

Toda essa trama passa a exercer no espectador infantil uma espécie de hipnose televisiva, nesse contexto, Ellis Cashmore (1998, p. 16) sustenta que, “nós, espectadores, somos normalmente hipnotizados pelos elementos de um estilo de vida que é glamoroso, tem gratificações instantâneas, e normalmente é maior e inevitavelmente melhor que aquele que temos”.

Entrando nesse universo de representação e aprendizagem é que passaremos a refletir sobre fragmentos dos 20 capítulos previamente gravados e analisados da novela *Os Mutantes*, cruzando o conteúdo dessa representação dramática com a teoria de Bandura na aprendizagem por modelação e no desengajamento moral.

De acordo com Flick (2004, p. 65).

A decisão sobre uma questão concreta de pesquisa está sempre ligada à redução de variedade, e, assim, à estruturação do campo em estudo: certos aspectos ganham destaque, outros são considerados menos importantes, sendo (ao menos para o momento) deixados em segundo plano ou excluídos.

No quadro representativo que segue, observamos que dos 20 capítulos da novela, alguns foram subtraídos de nossa análise como representação dessa aprendizagem por ser considerado como menos significativo no momento.

QUADRO REPRESENTATIVO DA ANÁLISE DE ALGUNS CAPÍTULOS DE “OS MUTANTES”

Capítulos	Sinopse do Capítulo	Elementos da análise
02/12/2010	Pepe fala com Maria e diz que é culpado pelo estado de Ana Luz. Ele fica nervoso e começa a se transformar, mas Maria pede para o pai se acalmar. Maria pergunta se Pepe pode encontrá-la em seu esconderijo, pois tem uma chance de curá-lo. Meduso manda Silvana ligar para o novo médico e ela mostra a foto de Metamorfo no computador. Meta-Beatriz atende ao telefone e se surpreende ao falar com Meduso. Metamorfo volta ao normal e Meduso avisa que será seu auxiliar. Ele pergunta por Gó e Metamorfo conta que sabe onde ela está.	Desengajamento moral – Uso de linguagem eufemística, dissimulação, abuso de poder. Meduso avisa a enfermeira que se ela não o obedecer: vira pó (morre). (fig. 14)
03/12/2010	Eugênio amarra Júlia numa maca e ela se enfurece. O menino pega uma enorme seringa e ameaça a médica, caso ela não responda o nome de sua mãe. Júlia diz que não se importa com a verdadeira mãe de Eugênio e fala que se considera sua mãe. Eugênio enfia a seringa em Júlia, que grita de dor. Gúdi discute com Taveira e uma repórter grava tudo. O delegado mostra seu pescoço, onde não há mais marcas e Grazi fica frustrada. Marisa desafia Taveira e ele diz que irá prendê-la por desacato.(fig.15)	Desengajamento moral – quando um ato culpável pode se tornar uma atitude aceita.



Fonte:rederecordtv.blogspot.com

(fig. 15) Eugênio aplicando soro da verdade

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA



Fonte:tudosobrecdc.blogspot.com

- 04/12/2010 A mutante Pisadeira (Zulma Mercadante) - que tem o poder de bloquear os poderes de outros mutantes e "pisar" sobre as pessoas - quase mata Maria (Bianca Rinaldi). Maria reúne suas forças e com a ajuda da Liga do Bem, derrota Pisadeira. Modelação – a atenção que o modelo desperta e o espectador se identifica com as características desse modelo.
- 06/12/2010 Vlado sente a presença da mulher invisível e a agarra. Ele a chama de Ísis e a garota implora que Vlado não a mate. O mutante-vampiro se prepara para morder seu pescoço, quando ouve o som de Velociraptor. Vlado larga Ísis e foge. Velociraptor se aproxima de Ísis, que se apavora e some do nada. Minotauro insiste em conquistar Perpétua e lhe dá um beijo. Ela dá um choque e Minotauro sente dor. Lúcia fica exausta com a disposição de Meta-Danilo, que se transforma em Metamorfo. Ari propõe a Batista um aumento para ele cuidar da segurança da mansão. Irma implica com Ari e Rodrigo os hipnotiza. Modelação – retenção ou lembrança de comportamento que o modelo desperta mesmo não estando na presença do mesmo. O modelo e o comportamento fica retido para posteriormente ser reproduzido.
- 07/12/2010 Noé avisa que Lúpi é um mutante do bem e que irá ajudá-los. Lúpi cumprimenta os presentes à reunião, que ficam maravilhados com a revelação. Danilo leva um susto ao ver Lúcia amarrada e amordaçada. Ele ajuda a desamarrá-la. Lúcia conta tudo o que Metamorfo fez com ela. Danilo se apavora e os dois se abraçam. Cassandra e Amália chegam à mansão para uma reunião sobre o futuro de César frente aos negócios da Progênese. César se surpreende ao ver todos reunidos. Gúdi tenta convencer Grazi de que será melhor viajarem. Lúpi diz que quer ficar junto dos mutantes do bem. Modelação – proximidade afetiva que o modelo representa e as informações obtidas em um conjunto de instruções passa a ser incorporado pelo indivíduo como um novo comportamento.
- 10/12/2010 Beto e policiais dão de cara com o sapo-bufo gigante, que cospe veneno e mata um policial. Beto manda os policiais atirarem no sapo, enquanto Vlado e Marialva observam. Beto liga para Marcelo e pede ajuda para sair da ilha. Marcelo avisa que reuniu os mutantes do bem para resgatar o irmão. Júlia e Eugênio chegam à Modelação – Os personagens agem de forma errada, suas atitudes são consideradas anti-sociais, não recebem punição imediata e desperta o interesse nas crianças para comporta-se de maneira semelhante. (fig. 16)

casa de Guiga, que aponta uma arma para Júlia. Eugênio grita que é filho dele. Tati diz que odeia vampiros e avisa ser capaz de destruir Júlia. Ela quebra os vidros da janela onde Júlia e Eugênio estão e eles se assustam.

Figura 16. Mutante dominando vítima pelo uso de arma de



Fonte:
rederecordtv.blogspot.com

13/12/2010

Noé escuta rugido de leão. A porta cai e entra um surfista (Leão). Ele dá um pulo para perto de Noé. Crescem as garras de Leão. Ele avisa que precisa de carne e que irá devorar Noé. Os dois lutam. Leão conta que foi Felina que lhe atacou e o deixou como mutante. Noé avisa para Leão que ele irá morrer se não controlar seu instinto de fera. Cris usa seu pensamento para abrir a cela de Pachola. Vavá e Cris ficam sonolentos e desmaiam. Pachola se desespera ao perceber que eles caíram numa armadilha. Vavá e Cris estão no meio de muita fumaça, desmaiados. Eric tenta atirar em Maria e Toni. Beto aparece com outro policial Beto dispara contra Eric. Lúpi avisa que Marcelo está em pulsação e diz para Maria que Marcelo morreu. Janete tem uma visão de Velociraptor pegando o corpo de Marcelo. Júlia vê Velociraptor com Marcelo e dispara a pistola de raios contra o dinossauro. A médica examina Marcelo e avisa que ele ainda está vivo. Júlia manda Capeletti pegar Marcelo no colo e o leva para o laboratório. Eric lê a notícia de que haverá uma noite musical de despedida no circo. Juanita fica com raiva e dá a ideia de botar fogo no circo. Eric, Fernando e Juanita riem e saem armados. Eric, Fernando e Juanita param em frente ao circo e começam a espalhar gasolina por todos os lados.

Modelação – representações de ações e condutas onde a violência, a agressividade são rotineiras e constantes passam a modelar uma imagem da realidade sobre a qual as pessoas basearão suas ações.

(fig. 17)

Figura.17 Personagem fazendo uso de arma de fogo.



Fonte:<http://osmutantescdc.nov.elablog.com.br/r370/Elenco-Os-Mutantes>

14/12/2010

Pepe faz um discurso e chama Helga para entrar no palco e cantar. Eric ouve a voz de Helga e fica fascinado ao escutá-la cantando. Eric acende o isqueiro e Juanita pede para ele deixá-la fazer o trabalho. Juanita pega o isqueiro e coloca fogo na lona, que começa a incendiar.

Modelação facilitada pela proximidade com o ídolo, no caso uma cantora popular brasileira.

15/12/2010

O mendigo, semi-transformado, invade a casa de Teófilo. Teófilo tenta defender a família, mas o mendigo avisa que só vai embora depois de levar Ágata ou Aquiles. Górr hipnotiza Silvana e a faz esquecer que ela, Metamorfo e Meduso são mutantes. Grazi liga para Noé e conta que o circo

Desengajamento moral – deslocamento da responsabilidade: não tendo controle sobre a sua memória, o policial vai agir de acordo com as orientações da Dra. Júlia, suas

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

- pegou fogo. Ela avisa que irá viajar com Gúdi e Noé diz que irá à casa de Marisa para se despedir deles. Marcelo acorda e não se lembra de nada. Júlia diz que o nome de Marcelo é Leonardo e que ele é seu segurança particular, além de amante. Vlado pega Minotauro pelas costas e morde seu pescoço. Eric diz estar na hora de agir e conta qual é o plano para pegar Helga. Noé vai à casa de Marisa e se despede de Grazi e Gúdi. Lúpi diz estar com a sensação de que o dinossauro está próximo e todos ficam tensos.
- 20/12/2010 Fernando olha assustado para onde estava Helga e se apavora ao perceber que ela fugiu. Juanita sente ciúmes de Eric. Eric e Fernando mordem o pescoço de Paola. Clara Tenta Novamente Usar Seu Poder em Ágata, mas nada acontece, Toni convence Lúpi a procurar Maria e Hélio. Perpétua lança mais um raio contra Fúria, que cai no chão e sente dor. Marcelo desconfia de sua amnésia e Júlia se enfurece.
- 21/12/2010 Eric avisa para Paola que ela poderá fazer tudo o que quiser ao se transformar em serpente. Valéria golpeia Taveira e Dino e os dois largam seu pescoço. Helga liga para Ernesto e conta ter sido atacada pelos bandidos. Marcelo tem alucinações com imagens de monstros. Capeletti coloca César numa cela e ele implora para o segurança soltá-lo. Vlado propõe à Fúria que eles se unam.
- ações passam a ser percebidas ainda como as praticadas em nome da lei e da justiça.
- Desengajamento moral com comparação vantajosa. Não há mal algum em praticar um ato anti-social quando comparado com outros de maior dimensão.
- Aprendizagem por modelação – O que passa como representação na trama desperta interesse pela maneira fácil de se obter vantagens. Fazer tudo o que quiser sempre foi objeto de desejo. (fig. 18)
- Figura 18. Mutante que vira cobra, tem consciência de que tudo pode conseguir quando se transforma.
- 
- Fonte:<http://osmutantescdnc.novellablog.com.br/r370/Elenco-Os-Mutantes/3/>
- 22/12/2010 Metamorfo agarra Gó e a beija, mas ela o empurra e confessa estar apaixonada por Rodrigo. Lúcia conta para Danilo que está grávida. Ela pede para Danilo conter sua empolgação e diz que não sabe quem é o pai. Capeletti avisa que Marcelo não pode sair do laboratório, pois é perigoso. Noé
- Modelação – traição, triangulo amoroso são modelos visualizados na trama da novela e no cotidiano das crianças.

e mendigo lutam na praia. Regina conta que sonhou de novo com Cléo.

- 23/12/2010 Maria olha para Velociraptor e implora que ele vá embora. Júlia diz para Marcelo fazer um teste e obedecê-la, para ver se suas dores param. Maria corre de Velociraptor e fica apavorada. Ela tropeça e cai. Desengajamento Moral – O policial não precisa assumir a responsabilidade de suas ações uma vez que obedece ordens.
- 24/12/2010 Danilo diz que irá trabalhar com moda, mas Aristóteles o proíbe. Aristóteles diz que fará Danilo se tornar um macho de verdade, mas ele se revolta e assume que é gay na frente do pai. Modelação – atitude de coragem do personagem em assumir a sua homossexualidade favorece a uma aprendizagem de comportamento quando a questão trata da opção sexual dos jovens.

3.1. APRENDIZAGEM POR MODELAÇÃO

Aprender através de modelos, crer gostar de tudo o que é ditado como modismo televisivo como ações de vestir, de aparentar, de falar de comportar-se tem sido uma busca constante no ato de compreender crianças e jovens.

A moda sempre existiu, tem mudado de lugar num percurso constante de idas e vindas que transporta o passado para o presente em uma simples e insistente ação de marketing de qualquer produto.

O que pode ser facilmente constatado é a existência de uma modelação no gosto e no comportamento social obtido pela influência desse ambiente.

Na atualidade, essa influência de aprendizagem e modelação não depende apenas do ambiente físico. Na grande maioria dos casos, essa influência passa a ser desenvolvida por uma representação, pelo que tem sido visualizado nos ecrãs das televisões, num ambiente de representação retalhada da vida real.

Sobre a influência do ambiente na modelação, Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 24) constata que.

Há um ambiente físico e socioestrutural que é imposto sobre as pessoas, gostem elas ou não. As pessoas não têm muito controle sobre a sua presença, mas têm liberdade na maneira como o interpretam e reagem a ele.

Interpretar e reagir de maneira consciente e criticamente sobre tudo o que tem sido visualizado nas representações das inúmeras programações televisivas não tem sido tarefa das mais fáceis de executar. Cada vez mas, nos deparamos com indivíduos que reproduzem

personagens de uma maneira tão fiel que o real e a representação se confundem dando a impressão de que ocorreu uma modelação.

Em conformidade com Bandura et al (2008, p. 60),

a modelação é um meio poderoso para estabelecer o comportamento, mas foi raramente estudada como um fator de manutenção. Considerando que o comportamento humano é amplamente regulado por influências modeladas, existem muitas razões para esperar que, quando um indivíduo observa outras pessoas regulando o seu próprio comportamento por meio de incentivos condicionais, é provável que aumente a adesão do observador às contingências autoprescritas observadas.

Segundo Bandura, a aprendizagem social obtida por meio de observação ou modelo ocorre quando o indivíduo incorpora um novo comportamento a partir de informações obtidas através de um conjunto de instruções no qual fatores como: proximidade afetiva dos modelos, gênero e *status* contribuem para uma representação desses fatores como fornecedores de uma aprendizagem social de comportamento.

A literatura especializada que aponta benefícios de aprendizagem obtida através da TV como uma aprendizagem voltada para uma formação pessoal com valores éticos morais tem-se mostrado incipiente.

O que observamos é que, cada dia mais, se constata o descrédito e a necessidade de aprofundamento de estudos que comprovam a nefasta influência educativa desse meio de comunicação de massa para a aprendizagem de comportamento social.

Nas seções de cartas dos leitores enviadas aos jornais a situação de insatisfação e descrédito frente a influência da televisão tem sido comprovada.

Leitores demonstram a sua indignação quanto ao fato dos maus exemplos exibidos por personagens das telenovelas ou outro tipo de programação exibida pela TV.

Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 123) confirmam essa postura quando apresentam em sua obra, exemplo de um leitor contestando o fato em carta enviada para a sessão de um jornal.

Essa reclamação leva em consideração, “o fato de a TV poder apresentar modelos de conduta contrários à moral e aos bons costumes, cenas de violência, de crimes, maus exemplos de como lidar com os idosos, de corrupção, etc., em sua programação de novelas, sem que haja alguma forma de censura”.

Mesmo que a primeira vista esse tipo de comportamento por parte de alguns leitores possa parecer meras suposições infundadas ou preocupação boba de falsos moralistas, Bandura torna firme que essa preocupação “já foi e é objeto de vários estudos científicos e é conhecida como modelação – aprendizagem a partir de modelos.”

Entretanto, o que nos impulsiona a uma imitação? Segundo Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 124),

imitamos por instinto natural; imitamos por identificação com o objeto de nossa imitação; imitamos porque somos recompensados de alguma forma pela nossa imitação. Apesar da diversidade de explicações, permanece uma constante: ao imitarmos estamos aprendendo novos comportamentos, novos costumes, nova maneira de ser.

No caso de uma aprendizagem infantil obtida através do modelo apresentado na programação indicada como a preferida, essa imitação ou modelação segue muito mais a linha divisória entre o politicamente correto em termos éticos e morais e o politicamente vantajoso, em termos de lucros e benefícios obtidos como ação praticada pelos personagens.

A possibilidade de obter lucros, de melhorar de vida de maneira ilícita é amplamente ressaltada no programa.

Em um dos capítulos da novela, observamos uma cena em que o presidente da Progênese, um mutante lobisomem, que conquista esse poder através de ações fraudulentas, no controle empresarial do grupo, fornece entrevista coletiva divulgada na mídia televisiva comunicando a descoberta de uma eficiente vacina capaz de libertar os mutantes dessas terríveis transformações sem sequelas.

Todos os outros representantes direto do grupo sabem que o laboratório não desenvolveu nenhuma vacina, que a sociedade brasileira iria continuar com a propagação dos mutantes, mas confirmam frente à TV a versão apresentada pelo então presidente do grupo.

Do outro lado da tela, crianças interpretam todo esse jogo como algo aceitável, permissivo, essas práticas poderão ser utilizadas no seu cotidiano. Ferrés (1996, p. 62) sustenta que “a televisão influi de forma decisiva na opinião que as crianças têm da realidade social. E essa influência baseia-se em grande parte nos estereótipos que a televisão usa ao representá-lo.”

Essa visão de mundo ou contexto social representado na novela *Os Mutantes*, contribui para acentuar a inversão de valores de civilidade, de respeito ou ao que Popper chama de “processo de descivilização”.

Para Popper (2007, p. 71),

a submissão do mundo mediático aos imperativos sagrados da concorrência e aos veredictos quotidianos dos índices de audiência provoca um nivelamento por baixo cujos efeitos mais nocivos se fazem sentir nos programas destinados às crianças e aos adolescentes.

Esse fazer errado para obter vantagens sem uma punição imediata vai despertar um interesse maior na modelação do comportamento, comportar-se de maneira semelhante independente do mal ou transtorno que uma ação possa acarretar no outro, o lucro como

benefício, é capaz de justificar toda e qualquer atitude na representação da telenovela, mas, também, como na interpretação dos diversos papéis que as crianças ou jovens tenham que representar no seu dia a dia, tanto na escola, como na família ou no seu grupo de amizade.

De acordo com Bandura, esta aprendizagem por modelação só irá ocorrer quando resultar da absorção de quatro sub processos inter-relacionados.

Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 137-138) apresentam-nos como significantes desses processos:

- a atenção – ocorre quando a pessoa está atenta ao modelo e se identifica com as características desse;
- a retenção ou lembrança do comportamento – ocorre quando a pessoa retém a lembrança do modelo e o reproduz mesmo não estando na presença do mesmo;
- a reprodução motora – ocorre quando a pessoa guia suas representações simbólicas e as expressa de maneira efetiva;
- o reforço e motivação – ocorre quando a pessoa recebe sanções positivas por um comportamento apresentado e essas são reforçadas.

As crianças que apontaram essa programação são passíveis de obter uma aprendizagem através dos modelos apresentados na telenovela. O processo de “atenção” foi insistentemente reforçado, a novela está na sua terceira fase e com uma quarta reapresentação uma vez que está reprisando a segunda série da trama.

No processo de retenção ou lembrança do comportamento, esse também não encontra obstáculos em se fazer presente, pois a programação anteriormente ia ao ar de segunda a sábado e atualmente é exibida de segunda a sexta-feira. Essa retenção de lembrança ainda foi reforçada pela criação de um álbum de figurinha infantil com cenas e personagens da telenovela, que, de alguma maneira, retém e ocupa a lembrança dessas crianças durante todo o dia fora dos horários de apresentação da programação.

O reforço e a motivação, quarto e último processo apontado por Bandura para que ocorra aprendizagem por modelação, por si só, já seria suficiente para desenvolver uma aprendizagem de comportamento social pernicioso para essas crianças através da programação.

Em todos os capítulos analisados na trama, a violência banalizada, a luta pelo poder, atos de desrespeito, a corrupção, a dissimulação e a convivência com o horror, são cenas de interpretações habituais.

Todo um aparato de convivência com a violência física, moral e simbólica tem lugar de destaque na novela. Um esperado comportamento agressivo nas crianças e jovens assíduos espectadores dessa novela, só poderia ser obtido como aprendizagem.

Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 144) asseguram que.

As principais fontes de estilos de comportamento agressivo na sociedade moderna são a agressão modelada e reforçada pela família, pela subcultura na qual o sujeito vive e os modelos simbólicos abundantemente fornecidos pelos meios de comunicação de massa, de modo especial a televisão.

Não podemos culpar apenas a TV pelos modelos desvirtuados que apresenta, não basta que os meios apresentem modelos sociais com padrões de comportamentos negativos para que esses sejam absorvidos e copiados, é necessário que a sua ação seja capaz de modificar esse comportamento, a fim de que seja assimilado na sua forma de pensar, de perceber determinado contexto e agir de acordo com ele.

A simples ação de representar e apresentar não consolida uma ação para a mudança mas, a insistência e a constância repetitiva dessas representações podem ser incorporadas como aprendizagem obtida através desses modelos de comportamentos insistentemente reforçados na novela.

E essa ação é abundantemente reforçada pela emissora do programa principalmente como fonte de exemplos de modelação para o comportamento agressivo.

Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 144) declaram ser verdade que.

A influência da televisão sobre o comportamento social tem sido amplamente pesquisada e os resultados em relação à violência exposta na mesma apontam quatro diferentes efeitos sobre os telespectadores: 1. aprendem um estilo de conduta agressivo; 2. alteram suas restrições sobre o comportamento agressivo; 3. tornam-se insensíveis e habituados com a violência; 4. modelam uma imagem da realidade para as pessoas sobre a qual basearão suas ações.

A TV, com sua representação no espaço da telenovela, passa a funcionar como um estímulo de linguagem verbal e visual que vai sendo incorporado pelo indivíduo que apresentará uma mudança de comportamento gerada pelos estímulos artificiais dos signos.

Vigotsky (2003, p. 53) sustenta que,

a diferença essencial entre esse tipo de comportamento e as funções elementares será encontrada nas relações entre os estímulos e as respostas em cada um deles. As funções elementares têm como característica fundamental o fato de serem total e diretamente determinadas pela estimulação ambiental. No caso das funções superiores, a característica essencial é a estimulação autogerada, isto é, a criação e o uso de estímulos artificiais que se tornam a causa imediata do comportamento

A frequência com que a TV transmite sua programação com estímulos, “signos” visuais e orais, incorporando outros estímulos que somam significados aos primeiros com sentimentos e emoções, contribuem para uma mudança de comportamento nos seres humanos e

especificamente nas crianças que se encontram em uma fase de formação, onde os valores éticos e morais subjaz em estado de modelação.

3.2. DESENGAJAMENTO MORAL

De acordo com o que é relatado por Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 166),

o termo *desengajamento moral* foi utilizado primeiramente por Bandura na década de 1970, mas o conceito não é novo em si e remete a uma longa tradição de estudos, já que se trata de uma característica animal e humana explorada desde muito tanto na ciência quanto na literatura.

Segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*⁴, a palavra *desengajar* significa: quebrar o ajuste com (quem estava engajado). Para Bandura Azzi e Polydoro (2008, p. 165) o *desengajamento*, ocorre quando as pessoas procuram justificativas para a transgressão de atos e atitudes por elas praticadas na tentativa de convencer a si e aos outros daquilo que as convêm nesses atos. Esses autores, dão por certo que.

Todas as pessoas são capazes de construir ideologias morais para justificar seus comportamentos, e geralmente tendem a convencer a si e aos outros de seus princípios conforme lhes convêm.

Nos capítulos gravados e analisados na programação apontada pelas crianças inquiridas como a de maior audiência na atualidade *Os mutantes*, toda a trama e cenas estão permeados de ações comportamentais em que os personagens cometem atos ante sociais, e estes atos encontram-se na maioria das vezes justificados em nome de um bem ou em nome de um objetivo maior.

Partindo da premissa de que todas as pessoas são capazes de fazer uso de ideologias construídas a seu favor para justificar seu próprio comportamento, ou mesmo, por questões de conveniências, e nos convenceremos de que nossas ações não devem ser consideradas imorais, não atenua a gravidade de nossos atos.

Com base nesse princípio, Bandura propôs o conceito de *desengajamento moral*. O objetivo do autor, segundo Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 165) era o de,

mostrar como as pessoas podem encontrar justificativas para cometer atos anti-sociais sem se sentirem culpadas ou censuradas por isso. Daí o uso do termo “*desengajamento moral*”, mostrando que é possível se desprender ou *desengajar* dos próprios padrões

⁴ <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx>

morais para cometer atos anti-sociais deliberadamente, sem condenação.

No entanto, condutas repreensíveis, como o uso de armas de fogo em ambiente doméstico para abater mutantes lobisomem, cobras, cães, lobos entre outros, o uso do poder dos mais fortes contra os mais fracos, as práticas de hipnose para dominar a mente e a vontade do outro de acordo com uma vontade e um desejo pessoal alheio ao hipnotizado, tomar forma e o lugar do outro para lucro pessoal e vantagens, não torna essa prática um comportamento socialmente aceito. Mesmo sendo praticada por um personagem do bem e em nome de uma possível justiça.

Nessa questão, vamos novamente encontrar em Bandura, um reforço para a utilização do termo *desengajamento* para demonstrar que o ser humano está propício a utilizar artifícios ou desengajar-se de qualquer padrão de comportamento que possa ser considerado como padrão não moral ou socialmente aceito, que na novela passa amplamente confirmado na repetição das cenas.

Na novela também fica claro que quando esses tipos de ações ocorrem, os personagens que as cometem, nenhuma culpa ou autocondenação lhe é imputada pela ação.

Mas, os atos anti-sociais de comportamentos são cometidos de maneira deliberada. Nesse aspecto, Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 165) confirmam que.

No entanto, retirar os aspectos negativos de uma conduta anti-social por meio de qualquer justificativa que pareça razoável não torna essa conduta menos anti-social, principalmente quando há vítimas envolvidas, seja direta ou indiretamente.

Na trama apresentada, existe um número enorme de vítimas que, aos olhos dos pequenos e imaturos telespectadores, passam despercebidas.

São vítimas as mães, que na tresloucada tentativa de desenvolver em si um germe de um superdotado buscam o laboratório Progênese, desejando super poderes para os filhos sem a garantia de que estes sejam poderes ligados a inteligência ou para alguma criação horrenda e assombrosa.

Também são vítimas os mutantes gerados e geneticamente modificados com super poderes, onde uns desenvolve-os para o bem e outros, sem poder de escolha ou opção, nascem dotados com forças e poderes para o mal, numa demonstração vulgar e banal de que há uma exigência social para que forças antagônicas estejam em permanente confronto e guerra, onde a violência encontre sempre um lugar de destaque na esfera social.

Sobre a questão da violência infligida ao espectador, Adorno e Horkheimer (2006, p. 114), colaboram com a seguinte reflexão.

O prazer com a violência infligida ao personagem transforma-se em violência contra o espectador, a diversão em esforço. Ao olho cansado do espectador nada deve escapar daquilo que os especialistas excogitaram como estímulo; ninguém tem o direito de

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

se mostrar estúpido diante da esperteza que é o espetáculo; é preciso acompanhar tudo e reagir com aquela presteza que o espetáculo exhibe e propaga.

Todas as cenas da trama são apresentadas com efeitos especiais surpreendentes, colorido, som e fundo musical sonoro envolventes, impossibilitando um cruzamento reflexivo entre o mundo real e a ficção. A programação estabelece todo esse aparato como parte de uma programação para entretenimento e diversão.

Para Adorno e Horkheimer (2006, p. 113).

O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento –, mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada.

Ao público a que se destina essa novela, mesmo com a reserva de que o programa não é recomendado a menores de 10 anos de idade, mas que é apresentado em horário vespertino, esse objetivo é amplamente alcançado.

Os jovens que apontaram essa programação como a preferida, são jovens oriundos da periferia da cidade (bairros pobres), que convivem em ambientes em que a guerra do tráfico de drogas é quem dita as normas de conduta na comunidade, nos quais o poder e a força está para quem transpõe e desrespeita as normas sociais.

Esses mesmos jovens também convivem com uma estrutura familiar desmoronada, estudam em uma escola onde a segurança é de certa forma comprometida, o que acarreta também em uma educação precária.

Com maior facilidade, tudo ou quase tudo o que é visualizado através da TV assume uma conotação de vida real, de possibilidade de acesso gerada inclusive como um conjunto de desejos inconscientes expressos pelo sonho de cada um. Para Baudrillard (2007, p. 130), “as imagens da TV pretendem ser a metalinguagem de um mundo ausente”.

E todo o aparato de imagem e de som gera uma hipnótica inércia no ato de refletir as ações sobre o aspecto moral das atitudes anti-sociais praticadas pelos personagens.

Segundo Huyghe (1998, p. 10),

este ataque contínuo do olhar visa criar uma inércia do espectador, que, incapaz de reflectir e controlar, regista e sofre uma espécie de hipnotismo larvar.

Na teoria social cognitiva de Bandura a ideia de desengajamento moral só faz sentido quando a abordagem científica pressupõe a capacidade humana em auto-influenciar-se.

De acordo com Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 167),

na teoria social cognitiva a moral é vista como sujeita à auto-influência, mas só opera quando alguns mecanismos auto-reguladores são ativados [...]. Assim, a ativação ou o desengajamento seletivo da censura interna permite que haja diferentes tipos de conduta sob os mesmos padrões morais, sem a necessidade de que se recorra à ideia de estágios de desenvolvimento ou de falha no caráter para que certos comportamentos sejam estudados.

Porém, na teoria social cognitiva, a moral não sofre nenhuma influência de maneira passiva, ela é admitida como sendo auto-influente e opera quando alguns mecanismos “auto-regulatórios” são devidamente ativados, e são exatamente esses mecanismos que ativam ou desengajam o processo seletivo das censuras internas, gerando diferentes tipos de comportamentos morais sobre uma mesma ação por diferentes sujeitos.

Nessa teoria, Bandura propõe a existência de oito mecanismos de desengajamento moral que mesmo não tendo que obedecer a uma uniformidade de punição ou recompensa para o modo do comportamento, esses são ativados de acordo com algumas situações.

Bandura assim os descreve como:

Justificação moral – quando um ato culpável pode se tornar uma atitude socialmente aceita. Bandura mostra como as pessoas normais e pacíficas muitas vezes cometem atos verdadeiramente cruéis em nome de princípios religiosos ou ideológicos, e nas guerras absurdas são cometidos em nome da paz.

Na programação analisada, esse mecanismo de justificação moral é amplamente ressaltando quando o Departamento de Pesquisa e Controle de Mutantes da Polícia Federal (DEPECOM) é reestruturado e passa a contar com tecnologia de última geração para deter os mutantes.

O DEPECOM está subdividido em duas alas: uma deseja deter apenas os mutantes violentos, trancafiando-os em celas, preservando os pacíficos. A outra ala deseja simplesmente exterminar todos os mutantes, inclusive os pacíficos.

Quando passamos a analisar a novela com base nesse mecanismo de justificação moral, percebemos que os exemplos apresentados por Bandura, tão bem se encaixam na perspectiva da trama.

Bandura et al (2008, p. 169) apresenta alguns exemplos que podem justificar essa ação quando nos diz, que “não há problema em bater em alguém quando a sua honra é ameaçada; usar o acostamento em um engarramento é uma questão de inteligência”.

Na trama da novela, também não existe problema algum em exterminar os mutantes pacíficos ou violentos. A justificativa moral passa a ser dada pelo papel social que a Polícia

Federal representa como contribuição no cumprimento do seu dever – eliminar os mutantes seria um desses.

A forma, o requinte de crueldade, o direito de cura e tudo mais passa a figurar no campo inferior, perspectivado pelos valores morais.

Linguagem eufemística – mecanismo que opera para mascarar uma atividade ou diminuir a sua gravidade. Bandura et al (2008, p. 170) sustentam que,

existem várias formas de linguagem eufemística, desde o uso de diminutivos até o uso de termos sanitaristas, como no contexto militar, que fala em limpar, desinfetar a área ou atingir o alvo, em vez de matar.

Na linguagem da programação, esse mecanismo de desengajamento moral se faz presente na maioria da fala de alguns personagens mutantes ou não.

A título ilustrativo, destacamos trechos de diálogos dos personagens da trama:

– Se não fizer o que mando, você pode “virar pó”... [morrer].

Mutante do bem, cumprimentando noivo homossexual que está casando para disfarçar sua homossexualidade no seio da família: “agora você vai casar com uma mulher de verdade”... ironia quanto a opção sexual do noivo.

– Mulher grávida diz que vai usar gravidez como “trunfo”... tirar vantagens com a gravidez, receber benefícios de maneira premeditada.

– Delegado informa a um policial acusado de tentativa de homicídio que ele próprio “limpou a sua barra”... forjou provas para comprovar a inocência do mesmo.

Noivos saindo da própria festa de casamento por conta da transformação do diretor da clínica Progênese em lobisomem. Vamos embora, a “festa babou”... A festa acabou; não presta mais.

Além da análise dessa linguagem eufemística como mecanismo de desengajamento moral apresentada na trama da novela, também passamos a analisá-la a partir da análise de dados, visualizando em que situação e em que contexto esse tipo de linguagem tem sido utilizada, em que classe social essa linguagem tem sido mais frequente.

Fundamentamos essa busca em Godoy (2006, p. 137) quando sustenta que.

A análise de dados inclui uma atividade reflexiva que resulta num conjunto de notas que guia o processo, ajudando o pesquisador a mover-se dos dados para o nível conceitual.

Nesse aspecto, o programa apresenta uma linguagem atual ou então, já desenvolveu uma forma de adaptação dos jovens ao vocabulário utilizado pelos personagens. No cotidiano, esse tipo de linguagem tem sido usual e corriqueiro entre eles.

Deslocamento da responsabilidade – com esse mecanismo, as pessoas justificam suas ações negativas como sendo geradas por imposições sociais ou até provocadas por imposição dos outros, nesse caso, não sentem-se responsabilizados por seus atos.

Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 171) confirmam que “quando as pessoas não se veem como reais agentes, a auto-censura é enfraquecida, permitindo a ação sem grandes reações morais”.

Na novela *Os Mutantes*, essa ação também passa a ser valorizada e divulgada. Um exemplo dessa ação fica claro quando a liga do bem, mutantes do bem acudados, escondidos em um abrigo na ilha secreta onde existe um laboratório que produz mutantes, sentem-se ameaçados e manda um outro mutante atirar, sem saber quem será o alvo, não levando em consideração que esse alvo possa ser um animal, um mutante vampiro ou um inocente qualquer.

O fato é que qualquer um poderá ser atingido de maneira fatal.

Mas a incerteza e o medo, nessa questão, passa a justificar a ação, e a responsabilidade nessa situação, desloca-se e perde o foco na questão.

A incerteza desse conhecimento transporta os mutantes acudados e escondidos a arriscar em acertar ou até mesmo a errar na sua ação.

Segundo Morin (2005, p. 86), “o conhecimento é, pois, uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro”.

Comumente observamos ocorrências de crimes e atos de atrocidades praticados por pessoas que na sociedade deveriam zelar pelo bem e a segurança da população, mas que em vez de desenvolver suas atividades voltadas apenas para esse fim, deslocam as ações em atos anti-sociais e as justificam em nome de uma autoridade ou um cargo que exercem; ou de outra forma, justificam suas ações para legitimá-las.

Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 171) fornecem dois exemplos para essa questão:

Se uma criança está vivendo sob más condições ela não pode ser culpada por se comportar agressivamente. Um motorista que avança o sinal vermelho não pode ser culpado se ele é pressionado pelos carros de trás.

Também na programação, a liga dos mutantes do bem e do mal não se responsabilizam quando recebem e executam ordens para atirar, matar ou testar soros experimentais em seres inocentes.

Comparação vantajosa – mecanismo que opera quando uma ação anti-social é comparada com uma outra ação anti-social mais repreensível.

Bandura et al (2008, p. 170) contribuem com essa sentença declarando ser verdade que.

Quanto maior o contraste entre essas atividades, mais a conduta parecerá insignificante ou até benevolente. É fácil recorrer a esse raciocínio na medida em que sempre há uma transgressão mais grave do que aquela realizada para que sejam ambas comparadas, e para qualquer ato anti-social, por mais desumano que pareça, sempre haverá um pior ainda. Exemplo: “Não há mal em insultar um colega de classe porque bater nele seria pior”.

Numa clara representação desse tipo de mecanismo apresentado na programação “os Mutantes”, visualizamos uma criança dotada de super inteligência que utiliza seus dons para usufruir informações de interesse pessoal.

Para isso, prende a doutora responsável por essas mutações genéticas da mesma maneira que observa quando ela desenvolve as suas experiências para o mal vitimando inocentes.

Nessa ação, o que prevalece é que, se a doutora utiliza suas experiências genéticas com pessoas comuns podendo transformá-los em monstros, ele também pode usar sua super inteligência na área, para colher informações pessoais, já que a ação da doutora, transformando seres humanos em monstros é uma ação consideravelmente pior que a sua, que pretende apenas obter uma informação que atenda a um interesse particular.

Difusão da responsabilidade – esse mecanismo é justificado para o enfraquecimento de uma ação anti-social praticada de forma coletiva, onde ninguém isoladamente se responsabiliza por um ato quando todos praticam.

Quando todos agem de maneira semelhante, ninguém se sente responsável.

Em Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 170) constamamos que.

Se subdividida, a ação perde seu caráter nocivo, que só é mais claro em sua totalidade, e as pessoas podem se comportar de maneira mais cruel do que quando são individualmente responsáveis. Exemplos: “As crianças não podem ser culpadas por falar palavrão quando todos os seus amigos o fazem”. “Todo mundo buzina, então não há mal nisso”.

Todo o enredo da novela *Os Mutantes* gira em torno da conquista do poder, de lucros e benefícios sociais, atos anti-sociais praticados com esse objetivo passam a ser percebidos como uma ação coletiva, mesmo na liga do bem (mutantes do bem) ou no meio policial o suborno, a agressão física e verbal, o favorecimento ilícito e as trapaças são ações comuns entre os personagens.

O senso e a responsabilidade moral não passa por uma atitude reflexiva individual, nenhum personagem individualmente representam um papel em que essa responsabilidade é de cada um e de todos.

Distorção das consequências – mecanismo que opera quando há distorção de atos anti-sociais praticados com crença de o fazer pelo bem. Nessa situação os efeitos nocivos de uma ação são negligenciados pelo seu transgressor que os mascara e minimiza-os, assumindo uma postura de que os fins justificam os meios. Bandura et al (2008, p. 171) sustentam que.

Se as consequências danosas forem mais salientadas, o agente de uma transgressão sentirá maior responsabilidade e a relação entre a ação e seus efeitos torna-se inevitável, motivando a consciência de supostos agentes benéficos da ação e mascarando seus efeitos nocivos.

Na novela *Os Mutantes*, constatamos em uma das cenas que a mulher conta ao marido que está grávida, que o filho não é dele, e que não sabe quem poderá ser o pai da criança. Essa situação vem justificar que, se essa gravidez for fruto de uma relação com uma pessoa influente e poderosa, o nascimento da criança poderá trazer rendimentos financeiros para o casal, portando, não há mal nenhum em querer enriquecer, tudo é válido na conquista desse objetivo.

Desumanização – mecanismo que retira do seres suas qualidades humanas, por questões de atitudes anti-sociais, seres que cometem determinadas ações são relegados a um plano anti-humano.

Para Bandura et al (2008, p. 171),

uma vez desumanizadas elas não mais são vistas como pessoas que têm sentimentos, esperanças e interesses, mas como objetos ou animais, diminuindo a censura e o respeito humano por elas.

A novela expõe quase todo o seu elenco a esse tipo de mecanismo, uma vez que eles passam a desenvolver atos e atitudes bestiais, são seres humanos modificados geneticamente ou foram atacados por vampiros que também acabam tornando-se vampiros.

Esses personagens são lobisomens, cobras, formigas, macacos, hipnotizadores, medusas, Minotauro, seres que tomam formas diversas, entre outros.

Em consequência, os atos praticados por esses seres também são representações de instintos ligados à sua condição de mutação genética em que o mecanismo de desumanização lhes retira ou diminuí a censura e o respeito por eles.

Na maioria dos casos, esses mutantes bestializados são utilizados para atender interesses daqueles que detém o poder no enredo da novela.

Quando passamos a examinar com atenção o conteúdo divulgado na programação escolhida para uma análise desse conteúdo, concordamos com a afirmação de Minayo (2008, p. 84) confirmando que, “através da análise de conteúdo, podemos caminhar na descoberta do

que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado”.

Tudo o que está por trás do conteúdo dessa novela é a manifestação implícita de que quem detém o poder, o saber, o conhecimento ou quem é desprovido de qualquer escrúpulo ético e moral, consegue o que quer em qualquer situação.

Atribuição da culpa – esse mecanismo opera quando aquele que transgride uma ação anti-social, passa a ver-se não como o transgressor, mas como uma vítima que foi forçada a assim agir diante de circunstâncias, alheias a sua vontade ou forçadas a partir de uma provocação, portanto, sem culpabilidade na ação.

Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 172) declaram ser verdade que,

assim, retira-se o peso da decisão pessoal e enfatiza-se as circunstâncias ou as pessoas que a compelem a agir dessa maneira. Em uma cadeia de ações e reações sempre é possível selecionar um comportamento defensivo no outro e tomá-lo como a provocação original. É comum em conflitos que uma das partes identifique uma palavra, gesto ou ação do outro que, apesar de muito provavelmente ser uma reação a algo que já lhe foi feito, funciona como motivo para atribuir a culpa do problema.

Nas cenas apresentadas na novela, várias situações comprovam esse tipo de mecanismo, tanto nos mutantes da liga do bem, como nos mutantes da liga do mal. Assistimos uma criança (menina) mutante da liga do bem, quebrando com a força da mente vidraças e louças por se sentir nervosa – perda de controle de suas ações, mas a culpabilidade recai sobre o fato gerador da ação, ou seja: o nervosismo ocasionado por uma situação alheia a essa.

Também assistimos cenas em que uma mulher que foi atacada por um vampiro e em consequência da ação virou vampiro, sentir desejos de sugar sangue de vítimas inocentes, desejo de matar – o ato passa a ser justificado por culpa do vampiro gerador da sua transformação e não como uma reação de seu desejo e sua ação frente a questão.

CONCLUSÃO

A realização desta pesquisa favoreceu uma maior reflexão sobre o tipo de aprendizagem que a televisão, em apenas uma programação específica, é capaz de oferecer para uma modelação de comportamento social nas crianças das escolas públicas municipais brasileiras, em bairros pobres da periferia de Maceió-Alagoas.

O estudo realizado indica em primeiro lugar que a televisão tem-se mostrado eficiente em apresentar modelos que, sem grande dificuldade, conseguem ser incorporados e imitados por essas crianças. A televisão tem um enorme poder de sedução junto das crianças dos bairros referidos.

Ao analisar essa postura, levamos em consideração que o impacto da novela na aprendizagem social das crianças deve-se em grande parte a falta de políticas públicas sérias voltadas para uma classe menos favorecida social e economicamente que passa a favorecer de forma mais eficaz a interiorização de modelos visualizados por meio de uma comunicação de massa acessível a estas.

Também não podemos deixar de enfatizar que uma enorme laguna deixa de ser preenchida quando a escola e a família ausentam-se da responsabilidade de atuar como agentes socializadores e não atuam na conscientização e no desenvolvimento de uma reflexão crítica dessas crianças frente a essa ou a qualquer outra programação exibida na televisão.

Quem vive à margem dos meios de produção e consumo dos bens materiais, culturais e intelectuais, quem apenas tem como meio de lazer a TV, o futebol como parte ativa de uma torcida organizada incitada pelo fanatismo, os jogos eletrônicos de lutas e combates partilhados em lojas de internet, as músicas descartáveis com excessivos apelos eróticos, dificilmente teria condições de desenvolver uma postura reflexiva diante de tudo o que vê e ouve na televisão.

Por outro lado, a família e principalmente a escola da periferia da cidade não perceberam ainda que o poder da influência televisiva altera o comportamento das crianças e jovens, pois introduz um aprendizado como modelação obtido pelas suas representações em diversos programas apresentados na TV em que esses são expressados e exibidos de forma grotesca, chocante e com requinte de mau gosto.

Essas instituições não se aparelharam para induzir novas formas de aprendizado. As crianças não têm hábitos de ler, não frequentam cinemas nem teatros e quando ouvem alguma música com uma mensagem que desenvolva sentimentos românticos e emocionais, essas, estão embutidas nas cenas de par românticos das novelas brasileiras que em sua grande maioria, encontra-se atrelado a um triângulo amoroso.

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

Para essas crianças, as novelas, são as únicas janelas abertas para o conhecimento de mundo elegante, de poder, de beleza e sucesso. Pois, no fim de cada novela, tudo tem sempre um final feliz. Na vida real, isso nem sempre acontece.

A sociedade de hoje, que valoriza tudo o que é veiculado pela televisão, não está preparada para compreender que a televisão detém um enorme poder de sedução e que opera apenas em interesses próprios, interesses de grupos dominantes que precisam de uma grande parcela da população em situação de alienação, estagnação, incapaz de pensar, lutar e reagir nas questões de direitos sociais fundamentais para uma vida digna e cidadã.

Para esses grupos dominantes, é importante que a sociedade criada através de modelos visualizados pela televisão obtenha a satisfação e a felicidade a partir apenas, do sucesso dos seus personagens.

Que chorem as dores e os sofrimentos das representações dos seus astros, que vibrem com cada conquista ou batalha desenvolvida na trama meticulosamente preparada das telenovelas, enquanto minimizam e esquecem as suas necessidades, o seu sofrimento e suas dores.

O que passa a ser formado a partir da televisão não condiz com uma formação voltada às necessidades de uma formação cidadã pelo contrário, a alienação, a falta de atitudes reflexivas, o querer resolver tudo de maneira mais fácil a não valorização humana, a vulgarização da violência, o medo e a exaltação do erotismo são as molas impulsionadoras, se não de todos, pelo menos, de uma grande quantidade de programas televisivos, transmitidos no Brasil.

Quando passamos a desenvolver nossa análise a partir de uma única programação constatamos que a representação de comportamento dos personagens apresentados na trama da novela analisada, carregado de ação de violência, de poder e favorecimentos pessoais, passam a ser absorvidos como valores próprios das crianças.

Essas almejam alguma oportunidade de conquistar reconhecimento ou aceitação no seu grupo ou na sua comunidade por alguma atitude que as elevem a um patamar de respeito ou imponha, pelo menos, medo aos que dela se aproxime.

Todo um cenário estrategicamente preparado para prender a atenção com fundo sonoro, imagem e colorido atraente, envolve a criança na trama em que a aprendizagem individual volta-se a um processo de atenção e retenção ao modelo apresentado ou representado.

O que observamos é que os comportamentos de agressividade e violência são absorvidos e interiorizados mais facilmente.

As crianças agredem em brincadeiras banais entre os colegas, magoam quando são instigadas e quando não o são, atacam quando são convocadas mesmo sem motivo ou em causa própria, a violência faz-se sempre presente.

A aprendizagem de agressividade e violência ou do uso da força física para atender interesses pessoais obtida através desses modelos passam a ser uma aprendizagem de comportamento geral, e àqueles que não as absorvem tornam-se a exceção da regra. E na maioria das vezes, são as vítimas desses aprendizes.

Um aspecto importante a considerar nessa pesquisa é que, mesmo sem intervalo comercial na programação, já que a mesma, nessa versão de reapresentação tem um único capítulo de 30 minutos, após a sua apresentação entra um novo programa, o cenário de representação da novela, por si só, já induz a uma aprendizagem para o consumo.

Todo o enredo da trama volta-se a conquistas de poder para obtenção de lucros e vantagens financeiras, que tem por pano de fundo, o desejo de consumir sempre mais, e melhor.

O luxo, as vantagens e a ostentação que os personagens apresentam, passam sempre uma imagem de que, quem tem e quem pode, é muito mais feliz.

Os modelos de comportamento representados pelos atores são modelos desvinculados de padrões éticos de comportamentos sociais, onde o desengajamento de atos e ações praticados na trama proporciona sempre uma vantagem para alguém.

Não importa se essas ações possam vir a prejudicar um indivíduo, um grupo específico, uma comunidade ou até mesmo uma cidade. O importante é que alguém sai lucrando com a ação.

Essa modelação também passa a fazer parte de um aprendizado até porque são ações reforçadas no contexto social em que essas crianças convivem.

A periferia da cidade de Maceió tem como característica típica a pobreza e o descaso público e é onde ocorre situações em que o chefe do tráfico de drogas assume o papel do Estado em favorecimento da comunidade, numa representação característica de que mesmo não agindo em circunstâncias legais, praticam-se atitudes de solidariedade em circunstância de um enterro, de socorro urgente a doente, em partilhar presentes com as crianças em datas comemorativas.

Nessas localidades favorecidas pelo apoio do comando do tráfico as ações praticadas como as de matar, aliciar para o mundo das drogas ou em nome dessas, passam a receber uma conotação de menor importância ou deixam de ser julgadas como ações anti- sociais ou anti-éticas de comportamento moral porque é com elas que o tráfico se mantém como poder paralelo.

O uso de armas de fogo, tão abundantemente utilizado na trama da novela por personagens neutros, quanto por representantes da liga do bem ou representantes da liga do mal, é capaz de desenvolver uma familiaridade entre essas crianças que, muito precocemente, aprendem que, com uma arma na mão, a coragem e o poder são maiores.

Um outro aprendizado muito bem reforçado na programação, e que consegue ecoar nas comunidades da periferia, tem sido o uso de uma linguagem eufemística. As crianças adotam

esse tipo de linguagem que na fala dos personagens representam talento, charme e esperteza, e as crianças aprendem e adotam no seu cotidiano.

Essas as utilizam, quando precisam falar algo que não possa ser explicitado com a sua fala, mas que funciona como um código de entendimento entre elas. Para essas, fica muito mais fácil falar *os homens* quando aproxima-se uma batida policial; pedir *um pouco de brilho*, quando se deseja obter drogas.

Muito do que é representado em uma única programação televisiva passa a fazer parte de um aprendizado como comportamento social para essas crianças, que incorpora a representação do que assiste e tem facilidade de reproduzir esse aprendizado no meio social em que estão inseridas.

Concluimos esse estudo com muitos questionamentos e incertezas, mas, entendemos que a nossa pesquisa, mesmo não sendo inédita, constituiu uma reflexão sobre a problemática para o meio acadêmico.

Não temos a pretensão de esgotar o assunto com a finalização do mesmo, mas sim, provocar outros estudos que possam trazer algumas respostas as questões que foram postas aqui, pois temos sempre presente que todo fim fornece indícios para um novo começo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos; 1985, Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ARMSTRONG, Alison; Charles Casement. **A criança e a máquina**: Como os computadores colocam a educação de nossos filhos em risco. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BALDWIN, Alfred Lee. **Teorias de Desenvolvimento da Criança**. São Paulo: Pioneira, 1973.
- BANDURA, Albert; GURGEL, Roberta; POLYDORO, Soely. **Teoria Social Cognitiva**: Conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**, Lisboa: Edições 70, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas** – Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BIAGGIO, Angela M. Brasil. **Lawrence Kohlberg**: ética e educação moral. São Paulo: Moderna, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- _____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.
- CAMPOS, Daniel C. A análise de conteúdo na pesquisa qualitativa, in: BATISTA, Makilim N. **Metodologia de pesquisa em Ciências**: análises quantitativa e qualitativa. Rio de Janeiro: LTC, 2007, p. 265-288
- CASHMORE, Ellis. **E a televisão se fez**. São Paulo: Summus, 1998.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humana e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- ELKIND, David. **Crianças e adolescentes**: ensaios interpretativos sobre Jean Piaget, 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- FARIA, Amália R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. São Paulo: Ática, 1989.
- FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FISCHER, Rosa M. **Televisão & educação**: fruir e pensar a TV. 2.ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**: 2.ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL NA INFÂNCIA: IMPACTO DE UM PROGRAMA

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 13.^a ed. 2006.
- FREIXO, Manuel João Vaz. **Televisão e a Instituição Escolar: os efeitos cognitivos das mensagens televisivas e a sua importância na aprendizagem:** Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- GODOY, Schmidt A; MELO; Rodrigo; SILVA, Anielson B. (org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos,** São Paulo: Saraiva, 2006.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 9.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GÓMEZ, José I. **Telespectadores inteligentes. Revista Portuguesa de Pedagogia – Tecnologias Educativas e da Comunicação I Educar com e para os medias:** Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Ano 42-2, 2008, PP. 65-77.
- GUARESCHI, Padrinho A. A realidade da comunicação: visão geral do fenômeno. In: GUARESCHI, Padrinho A. (coord.). **Comunicação e controle social.** 6.^a ed. Petrópolis: Vozes, 2004, pp. 13-22.
- HUYGHE, René. **O poder da imagem.** Lisboa: Edições 70, 1998.
- INNERARITY, Daniel. **A sociedade invisível: como observar e interpretar as transformações do mundo actual.** Lisboa: Teorema, 2009.
- LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Midrele. **Pesquisa pedagógica: do projeto a implementação.** Porto Alegre: Artmed, 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A tela global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna.** Porto Alegre: Sulina, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada.** Edições 70, Lisboa, 2010.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 2007.
- MINAYO, Maria Cecília S.; DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 10.ª ed. Brasília: Cortez-UNESCO, 2005.

PEREIRA, Junior. **A vida com a TV** : O poder da televisão no cotidiano: 2.ª ed. São Paulo: Senac, 2002.

PEREIRA, Sara de J. Gomes. **A qualidade na televisão para crianças**. Comunicar. 25. 2005. Revista Científica de Comunicación y Educación: Disponível em:
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/182/424>

_____. **Recepção Televisiva e Mediação: Práticas em Contexto Familiar** . Mediaciones Sociales, Nº 2 I semestre de 2008, pp. 279-310 ISSN eletrônico: 1989-0494 Disponível:
<http://www.ucm.es/info/mediars/Mediaciones2/Indice/PereiraS/pereiras.html>

_____. **Educação para os Media e Cidadania**. Associação dos profissionais de Educação de Infância, “Cadernos de Educação de Infância”. 56 (Out. 2000) 27-29. Disponível:
<http://hdl.handle.net/1822/4768>

_____. **A Televisão e o Conceito de Infância**. Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho. Congresso Internacional: Os Mundos Sociais e Culturais da Infância. ACTAS III Volume. 19-22. Braga - Portugal. Jan. 2000.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Sammus, 1994.

PFROMM, Netto Samuel. **Telas que ensinam**: mídia e aprendizagem do cinema ao computador. Campinas: Alínea, 2001.

POPPER, Karl R.; CONDRY, Jonh. **Televisão**: um perigo a democracia, 3.ª ed. Lisboa: Gradiva, 2007.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**, 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 2006.

SCHWANITZ, Dietrich. **Cultura**: tudo o que é preciso saber. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote 2004.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e método, 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

VIGOTSKI, Lev. **A formação social da mente**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Sites da Internet

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

<http://programas.rederecord.com.br/programas/caminhosdocoracao/index.asp>

<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=desengajar>

http://www.ibge.gov.br/censo2010/dados_divulgados/index.php?uf=27

<http://www.google.com.br/search?q=fotos+da+novela+os+mutantes+caminhos+do+coração>

<http://osmutantescdc.novelablog.com.br/r370/Elenco-Os-Mutantes/>

<http://www.guianet.com.br/guiacidades/>

<http://www.tudosobrecdc.blogspot.com>

<http://www.oglobo.globo.com>

<http://www.osmutantes-cdc.blogspot.com>

<http://www.cultureba.com.br>

<http://www.nataliportodavida.blogspot.com>

<http://www.entretenimento.r7.com>

LISTA DE FIGURAS

1. Mapa do Brasil
2. Mapa de Alagoas
3. Família circense
4. Mutante com super força
5. Mutante com poder de soltar raios pelos olhos
6. Mutante voador
7. Mutante vampiro adulto´
8. Mutante vampiro criança
9. Mutante formiga
10. Mutante Minotauro
11. Elenco da novela e do mundo artistico musical brasileiro
12. Elenco jovem (crianças)
13. Astros já consagrados nas telenovelas brasileiras
14. Meduso persuadindo enfermeira
15. Criança cometendo ato anti-éticos para com a Dra. Júlia
16. Criança portando armamento de fogo pesado
17. Personagem fazendo uso de arma de fogo
18. Mutante que se transforma cobra

SIGLAS UTILIZADAS

E-R - Estímulo Resposta

DEPECOM - Departamento de Pesquisa e Controle de Mutantes

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

LISTA DE GRÁFICOS UTILIZADOS

1. Levantamento da preferência televisiva na Escola Municipal de Ensino Fundamental Floriano Peixoto.
2. Representação da programação nas turmas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Floriano Peixoto.
3. Levantamento da preferência televisiva na Escola Municipal de Ensino Fundamental Arnon Affonso de Farias Mello.
4. Representação da programação nas turmas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Arnon Affonso de Faria Mello.
5. Levantamento da preferência televisiva na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Pompeu Sarmiento.
6. Representação da programação nas turmas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Pompeu Sarmiento.
7. Gráfico geral da programação mais assistida nas três escolas.

LISTA DE QUADROS UTILIZADOS

1. Quadro síntese das categorias
2. Quadro representativo da análise de alguns capítulos da novela

APÊNDICE

1. Autorização para inquerir alunos nas escolas
2. Questionário para diagnosticar programação mais assistida pelas crianças nas escolas
3. DVD com gravação dos capítulos da novela *Os Mutantes: Caminhos do Coração*

Apêndice 1



Universidade de Aveiro - Departamento de Educação | Mestrado em Ciências da Educação na área de Formação Pessoal e Social –Rosana Muniz de Medeiros – Mat: 48.558 - 2009/2011

A U T O R I Z A Ç Ã O

Ilm^o (a) Diretor (a)

Da Escola Municipal de Ensino Fundamental _____

Na qualidade de aluna do Mestrado em Ciências da Educação na área de FPS da Universidade de Aveiro - Portugal, venho através desta, solicitar AUTORIZAÇÃO para inquirir alunos do 5º ano do Ensino Fundamental em escolas da rede Municipal de Ensino em Maceió, a fim de diagnosticar sua preferência televisiva com relação a programação.

Na oportunidade, asseguro que o anonimato e a integridade desses alunos permanecerão resguardadas, para nós, o que servirá de base para a pesquisa será apenas a identificação de uma programação de maior audiência entre as crianças na atualidade. (conforme questionário anexo)

A importância dessa atividade prende-se ao objetivo do nosso trabalho de investigação científica que abaixo transcrevo.

Objetivo

Analisar os modelos de comportamentos transmitidos em uma programação televisiva mais assistida por crianças no 5º ano na atualidade, como capaz de interferir de maneira negativa para uma aprendizagem de comportamentos na formação pessoal e social.

OBS: Asseguro que os resultados obtidos serão divulgados para conhecimento da Diretoria da Escola e do corpo docente.

Antecipadamente, agradeço a prestimosa colaboração e atenção a mim dispensada, como também ao apoio à pesquisa.

Maceió-AL, _____ de _____ de 2010

Cordialmente,

Rosana Muniz de Medeiros
pesquisadora

Apêndice 2



Universidade de Aveiro - Departamento de Educação | Mestrado em Ciências da Educação na área de Formação Pessoal e Social –Rosana Muniz de Medeiros – Mat: 48.558 - 2009/2011

Diagnóstico

Caro aluno,

Este questionário é parte importante para uma pesquisa de opinião, e servirá de base para um estudo científico. Sua identidade será protegida, para nós, o que é de fundamental importância é que responda as questões abaixo com sinceridade e responsabilidade.

I – Unidade Educacional _____

II – Série _____ Turma: _____ Idade: _____ anos

III – Sexo Masculino () Feminino ()

1. Marque um (x) quando a resposta for verdadeira:

a) Você assiste TV? Sim () Não ()

b) Quantas vezes assiste TV por semana?

1. 1 dia () 2 dias () mais de 3 dias () Todos os dias ()

c) Atualmente, qual o programa de TV que você mais gosta?

d) Quantas vezes na semana você assiste a esse programa?

1. 1 dia () 2 dias () 3 dias () 4 dias () 5 dias () 7 dias ()

e) Em que canal de TV esse programa é transmitido?

Agradeço a sua prestimosa colaboração.

Cordialmente,

Rosana Muniz de Medeiros

Outros anexos só estão disponíveis para consulta através do CD-ROM.
Queira por favor dirigir-se ao balcão de atendimento da Biblioteca.

Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia
Universidade de Aveiro